

**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS E
SEGURANÇA INTERNA**



Actores isolados: reflexão conceptual

Autor: Rui Miguel Chagas Ismael Santos

**Orientador: Superintendente-Chefe José Augusto de Barros
Correia**

**4.º Curso de Direcção e Estratégia Policial
Lisboa, 10 de Novembro de 2017**



Rui Miguel Chagas Ismael Santos
Intendente

Actores isolados: reflexão conceptual

Trabalho Individual Final apresentado ao Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna com vista à conclusão do 4.º Curso de Direcção e Estratégia Policial, elaborado sob a orientação do Superintendente-Chefe José Augusto de Barros Correia.

Dedicatória

À Ana, ao Rodrigo e Érica, a quem muitas vezes privo a companhia.

Agradecimentos

À Polícia de Segurança Pública, pelos seus 150 anos.

Ao meu orientador, Superintendente-Chefe José Manuel Augusto de Barros Correia, pela sua imediata manifestação de disponibilidade face ao desafio proposto.

Ao meu camarada do 4.º CFOP e do 4.º CDEP, Luís Manuel Fernandes Alves Moreira, pela permanente amizade, disponibilidade e partilha.

Aos camaradas Virgínia Cruz, João Carvalho, Firmo Ferreira, Sérgio Soares, Paulo Sousa, David Pereira, Fortunato Paiva, Nélon Silva, António Santos, Sandra Costa, pelos contributos e observações.

Ao camarada Paulo Rego, pela partilha de algumas das referências bibliográficas.

A todos, com quem nos mais diversos locais e funções, tive o grato privilégio de trabalhar e que ajudam a tornar mais fáceis os dias difíceis.

Resumo

O terrorismo está em constante transformação. À medida que evolui no século XXI, vai-se adaptando às mudanças no ambiente sociopolítico mundial. Algumas dessas alterações facilitam as competências operacionais dos terroristas, a obtenção de financiamento e o desenvolvimento de novas capacidades. Para contextualizar essas alterações, é fundamental analisar a evolução histórica do terrorismo.

No ocidente, táticas transnacionais combinadas com ataques perpetrados por actores isolados, inspirados ou motivados por grupos terroristas provocaram um aumento do número de ataques terroristas. Embora este tipo de actuação não constitua novidade, a sua frequência aumentou, sendo o sucesso operacional facilmente alcançado com um reduzido nível de planeamento e dos *modus operandi*.

Para as autoridades, a maior preocupação é a reduzida sofisticação dos ataques que requerem reduzido financiamento, um limitado conhecimento dos locais de actuação e a utilização de armas rudimentares ou de oportunidade. Na era digital, os processos de radicalização e de planeamento operacional tornam mais difícil compreender e analisar os ataques perpetrados por indivíduos isolados.

Neste estudo, exploramos o conceito de actor isolado e os possíveis factores que podem ter contribuído para a emergência do fenómeno, contextualizando-o no âmbito da evolução histórica do terrorismo.

Palavras-chave: terrorismo, redes terroristas, resistência sem líder, radicalização, actores isolados.

Abstract

Terrorism is continually changing. As terrorism evolves in the 21st century, it is adapting to changes in the world socio-political environment. Some of these changes facilitate the abilities of terrorists to operate, procure funding, and develop new capabilities. In order to put these changes into context, it will be necessary to look at the historical evolution of terrorism, with each succeeding evolution building upon techniques pioneered by others.

In the western world transnational tactics in combination with lone actor attacks inspired or motivated by terrorist groups drove an increase in terrorism. Although those attacks aren't new, their frequency is increasing and operational success can be achieved with low-level planning and *modus operandi*.

For the authorities, a major concern is the low-level of sophistication needed to plan the attacks that require barely any funding, little knowledge of sites and venues, and only rudimentary or opportunity weapons. The nature of radicalization and operational planning in the digital age has complicated efforts to interpret and analyze attacks perpetrated by single individuals.

In this study we explore the concept of lone actor and possible factors that may have contributed to the emergence of this phenomenon.

Keywords: terrorism, networks, leaderless resistance, radicalization, lone actor terrorism.

ÍNDICE

Dedicatória	i
Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	iv
Glossário de Siglas	vi
Introdução	1
1. Conceitos, enquadramento histórico, violência e religião	6
1.1 A (in)definição do conceito do terrorismo	6
1.2 Uma explicação do terrorismo moderno	9
2. Estruturas e modelos funcionais das organizações terroristas	11
2.1 As aranhas e as estrelas-do-mar	11
2.2. A resistência sem líder (<i>leaderless resistance</i>)	14
2.3 As obras de William Pierce e o seu impacto	18
2.4 As pequenas células e actores isolados no Movimento Jihadista Global ...	23
3 Actores isolados: definições, características e casos de estudo	27
3.1 Definições e conceptualizações	27
3.2 Estudos temáticos sobre actores isolados	32
3.3 Actores não tão isolados	42
3.4 Theodore Kaczynski, Eric Rudolph, Anders Breivik e Timothy McVeigh.....	43
3.5 Uma definição de actor isolado	48
Bibliografia	55
Anexo 1	68
Anexo 2	72
Anexo 3	75
Anexo 4	79

Glossário de Siglas

EEI	Engenho Explosivo Improvisado
EUA	Estados Unidos da América
FBI	Federal Bureau of Investigation
NSCITF	National Security Critical Issue Task Force
TE-SAT	Terrorism Trend Analysis & Situation Report
UE	União Europeia

"Despite their extreme danger, we only became aware of them when the enemy drew our attention to them by repeatedly expressing concerns that they can be produced simply with easily available materials".

Ayman al-Zawahiri, April 15, 1999

"(...) killing them with a single bullet, a stab, or a device made up of a popular mix of explosives or hitting them with an iron rod is not impossible. Burning down their property with Molotov Cocktails is not difficult. With the available means, small groups prove to be a frightening horror (...)"

Ayman al-Zawahiri, Knights Under the Prophets Banner, 2001,
(Mansfield, 2006, p. 212)

Introdução

No mundo contemporâneo, as questões ligadas à segurança constituem-se como uma matéria sobre a qual se verifica existir um interesse crescente e interdisciplinar.

Segundo Law, "(...) o terrorismo é tão antigo quanto a nossa civilização mas simultaneamente tão actual quanto as notícias desta manhã" e acrescenta, "(...) as armas, metodologias e os objectivos dos terroristas mudam constantemente, mas as suas características principais mantiveram-se desde os tempos antigos." (2009, p. 1). Independentemente da definição que utilizarmos, dificilmente existirá um dia sem que terroristas tenham provocado vítimas (Bakker, 2015).

Ainda que o terrorismo possua um carácter global, nem todas as sociedades sofrem os seus efeitos nefastos com o mesmo impacto. De acordo com o *Global Terrorism Index* (2016), os países mais expostos ao terrorismo são: o Iraque, o Afeganistão, a Nigéria, o Paquistão e a Síria, que totalizam 72% das 29.376 vítimas mortais reportadas. Na Oceânia, no continente americano, na Europa e na generalidade da África e Ásia, onde o número de vítimas é

substancialmente menor, o terrorismo continua a ser percepcionado como a principal ameaça¹ à segurança, mantendo uma presença constante nas agendas políticas e na definição de estratégias e programas governamentais, que incluem muitas vezes, os próprios cidadãos.

Ao nível supranacional, existe um conjunto significativo de instituições e agências que estão dotadas de órgãos próprios dedicados ao estudo, análise e acompanhamento do terrorismo, na assunção de que se trata de um problema global que requer uma maior cooperação e coordenação transfronteiras e entre países (Bakker, 2015).

O terrorismo deixou de ser exclusivo de organizações centralizadas, hierarquizadas e organizadas, tornando-se uma ameaça difusa que, nos últimos anos, tem registado um aumento preocupante ao nível mundial e que encontra, na Europa, um terreno fértil para eventuais manifestações extremistas, radicais e de agressões violentas.

O *Global Terrorism Index* (2016) refere que 2015 foi o ano em que se verificaram mais ataques terroristas nos países da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico², salientando o seu crescimento contínuo nos últimos seis anos. Metade destes foi inspirada ou coordenada pelo Estado Islâmico, incluindo os atentados de Paris, Ancara, Suruç e os ataques de 2016, em Bruxelas, Istambul, Nice e Orlando. Nestes países, o relatório indica que os dez ataques mais letais desde 2000 ocorreram entre Janeiro de 2015 e Julho de 2016, e que metade foi perpetrada por indivíduos que mostravam simpatia pelo Estado Islâmico, mas que não tiveram qualquer contacto directo com o grupo (2016, p. 42-44).

¹ Ameaça “é qualquer acontecimento ou acção (em curso ou previsível), de variada natureza (militar, económica, ambiental, etc.) que contraria a consecução de um objectivo e que, normalmente, é causador de danos, materiais ou morais, sendo que no âmbito da estratégia consideram-se principalmente as ameaças provenientes de uma vontade consciente, analisando o produto das possibilidades pelas intenções” (Couto, 1988, p. 329). A ameaça existe num determinado quadro situacional, quando se estabelece uma relação entre dois adversários e em que, pelo menos, um tem a intenção de alterar o *status quo*, a seu favor, dispondo de poder para aplicar alguma forma de coacção sobre o outro (Fernandes, 2004) Na sua formulação clássica, a ameaça é definida simplesmente em função das possibilidades e das intenções de um determinado actor racional (Fernandes, 2014, pag. 18).

² A OCDE foi criada em 1961 sendo actualmente constituída por 34 Estados-Membros, estabelecendo relações frequentes com outros setenta países – integrando-se nestes as economias emergentes e em desenvolvimento, organizações governamentais e não-governamentais, bem como a sociedade civil. Inclui 25 países da Europa e América do norte, a Austrália, Chile, Israel, Japão, Nova Zelândia e a Coreia do Sul (<http://www.oecd.org>).

Segundo o relatório anual *TE-SAT*³ (EUROPOL, 2017), a Europa enfrenta actualmente um conjunto de ameaças e ataques de origem diversa, que incluem grupos organizados e actores isolados⁴.

O Relatório Anual de Segurança Interna de 2016, refere que "Portugal enfrenta ameaças similares àquelas com que são confrontados os países do espaço geoestratégico e político de que estamos mais próximos e no qual projectamos muitos dos nossos interesses" (2017, p. 71).

O mesmo relatório adita que "(...) a ameaça terrorista de matriz islamista a nível global conheceu um aumento sustentado nos últimos anos, tendo atingido, em 2016, um nível sem precedentes na Europa, o que levou diversos países a elevarem o grau da ameaça relacionado com este fenómeno." (2016, p. 71), acrescentando que "(...) a organização terrorista Estado Islâmico é a que maior capacidade operacional tem demonstrado para conduzir e inspirar ataques fora do seu espaço de implantação." (2017, p. 71).

Salienta-se que " (...) o grupo continua a ser a referência do imaginário dos extremistas do Médio Oriente e da Europa, como é visível, pela influência que estes sofrem por parte da organização, com intensidade suficiente para os induzir a cometer actos violentos por esta comandados" (2016, p. 73).

Não sendo um fenómeno recente, a perpetração de ataques por parte de pequenas células ou de indivíduos aparentemente sem qualquer ligação a estruturas ou organizações formais ou por estas inspirados e motivados tem aumentado de frequência e a coberto de um vasto espectro ideológico.

As novas tecnologias têm potenciado estas acções enquanto factor multiplicador do fenómeno, *facilitando* a disponibilização e disseminação de conteúdos relativos ao incentivo à violência, recrutamento e radicalização, à utilização de armas e engenhos explosivos ou de outros meios para potenciar o número de vítimas, apelando muitas vezes a um conceito de terrorismo *Do it Yourself*.

Hoffman (1997) e Larrabee (2015), referem a emergência de um novo perfil de terrorista para as décadas futuras, *amador* e actuando com base em

³ *Trend Analysis & Situation Report*, relatório anual da Europol relativo à análise do terrorismo. Europol é a agência da União Europeia para a Cooperação Policial. Regulamento (UE) 2016/794 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 11 de Maio de 2016.

⁴ Actor isolado deriva do termo anglo saxónico *lone actor* utilizado pela Europol (EUROPOL, 2012, p. 9). O termo é igualmente utilizado pelo *Global Terrorism Index* (2016, p. 45).

percepções e convicções de ordem religiosa e racial, menos previsível e, como tal, mais difícil de detectar.

Considerando a prevalência e emergência do fenómeno no actual contexto securitário e a atenção que lhe é atribuída nas mais diversas áreas, decidimos aprofundar o nosso conhecimento sobre a actuação destes indivíduos, nomeadamente no que se refere à sua caracterização e definição.

Desta forma, coloca-se-nos a seguinte questão: quais os conceitos actualmente existentes para a definição de actor isolado no contexto do terrorismo contemporâneo e quais os vectores que caracterizam estas definições?

Na tentativa de responder a esta questão procuraremos identificar as variáveis associadas à acção de actores isolados que possam permitir (re)definir o conceito, os factores que poderão ter contribuído para a emergência e prevalência da sua acção; a relevância da(s) ideologia(s) na determinação da acção e o contributo das tecnologias de informação e comunicação na emergência deste fenómeno.

Considerando o número reduzido de investigações científicas nesta área, utilizaremos as metodologias próprias dos estudos exploratórios, de cariz essencialmente qualitativo através da análise e revisão da literatura existente e de casos de estudo.

As opções por nós tomadas relativamente aos casos de estudo apresentados refletem o distanciamento que o tempo permitiu consolidar sobre os autores e os eventos a que se reportam⁵. Refletem igualmente uma maior disponibilidade de bibliografia e outras fontes de análise sobre esses mesmos autores e eventos.

Optámos por transcrever na sua língua original algumas expressões e citações por considerarmos que a sua tradução não reflectiria o alcance que os seus autores pretenderam transmitir.

Encontra-se fora do âmbito da nossa dissertação a análise da actividade de actores isolados no ciberespaço. Também não será efectuada a análise dos processos de radicalização dos actores isolados, excepto para efeitos contextualizativos.

⁵ Neste contexto, optamos por não incluir casos de estudos referentes a jihadistas, por em muitos dos casos não existir suficiente informação quanto ao exacto contexto em que perpetraram os ataques e por a bibliografia ser inexistente ou pouco consolidada.

No primeiro capítulo, efectuamos o enquadramento genérico dos conceitos de terrorismo, extremismo, radicalização e do simbolismo.

No segundo capítulo, procedemos a uma breve análise dos modelos organizativos dos grupos terroristas. Considerando o modelo que privilegia a acção individual, debruçamo-nos sobre o contexto ideológico de emergência da resistência sem líder e dos actores isolados, efectuando referência aos principais textos e ensaios enquadradores desta estratégia. Terminamos o capítulo com uma breve referência sobre a adaptação da estratégia da actuação individual ao contexto do terrorismo Jihadista e aos seus principais ideólogos.

No terceiro capítulo, debruçamo-nos sobre a análise dos conceitos actualmente existentes relativos à actuação individual no contexto do terrorismo e efectuamos uma análise do “estado da arte” na perspectiva da delimitação do objecto de estudo e da consensualização de uma definição. Analisamos quatro casos de estudo de indivíduos que integram as definições existentes, cujo distanciamento temporal e a disponibilidade bibliográfica permitiu consolidar uma “imagem” mais definida. Propomo-nos a identificar uma possível definição do conceito de actor isolado.

Na conclusão, apresentamos uma sùmula das ideias-chave identificadas neste estudo e identificar possíveis novas áreas de análise.

Para a redacção da dissertação, optámos por não recorrer à utilização do novo acordo ortográfico.

"Espalharei o pânico e o terror em todos os povos que encontrares na tua frente e obrigarei os teus inimigos a fugirem diante de ti."

Bíblia, Êxodo 23:27

"Infundiremos terror nos corações dos incrédulos, por terem atribuído parceiros a Alá, sem que Ele lhes tivesse conferido autoridade alguma para isso."

Corão 3:151

"The terrorist campaign is like a shark in the water: it must keep moving forward - no matter how slowly or incrementally - or die."

(Hoffman, 2006, p. 234)

1. Conceitos, enquadramento histórico, violência e religião

1.1 A (in)definição do conceito de terrorismo

Os estudos referentes ao terrorismo receberam uma maior atenção após Setembro de 2001. Silke estimou que entre 2002 e 2007, foi publicado um novo livro em língua inglesa sobre o tema do terrorismo a cada seis horas (Chen, et al., 2008). Ao longo do tempo, verificaram-se alterações na utilização do conceito que provocaram disputas entre acadêmicos e políticos (Hoffman, 2006; Bakker, 2015).

Schmid (2004) no artigo "*Terrorism: The Definitional Problem*" identifica quatro razões para a indefinição do terrorismo: i) ser um conceito contestado; ii) relacionamento com a legitimação e criminalização; iii) a existência de diferentes tipologias, manifestações e expressões de terrorismo; e, iv) as alterações verificadas na utilização do conceito nos últimos duzentos anos (*apud* Bakker, 2015).

Ganor refere que "(...) a *luta* para definir o conceito é tão árdua e difícil como a *luta* contra o terrorismo" (2002, p. 304), e acrescenta que "(...) não se trata apenas de um assunto de natureza teórica, mas também de natureza operativa, de cabal importância porque não se trata um problema local ou específico de determinados países, mas um assunto com uma envolvimento

internacional" (2002, p. 300). Torres afirma que "(...) não é fácil chegar a um conceito inequívoco de terrorismo" (2009, p. 11).

Em "*The Routledge Handbook of Terrorism Research*", Schmid enuncia duzentos e cinquenta conceitos diferentes de terrorismo, elaborados entre 1794 e 2010, por um número similar de autores (2010, p. 99-157). Outros investigadores, referem-se à utilização de diferentes conceitos em departamentos, agências e, por vezes, governos do mesmo país, salientando que resultam das prioridades e competências atribuídas às entidades que se encarregam da sua prevenção e investigação (Hoffman, 2006; Martin, 2010).

Gomis acrescenta que "(...) o termo é subjectivo, político, e dependente de perspectivas e experiências pessoais" (2016, p. 3). Jenkins afirmou que "(...) os debates sobre a definição do conceito são o grande triângulo das Bermudas da pesquisa do terrorismo" (*apud* Stampnitzky, 2013, p. 5; *apud* Bakker, 2015 p. 40). Sobre subjectividade, Bloom escreve "(...) que o prémio Nobel foi mais vezes atribuído a antigos líderes terroristas do que a presidentes" (2012, p. 18).

Independentemente da definição adoptada, esta engloba genericamente os seguintes elementos: violência politicamente motivada⁶, dirigida contra alvos vulneráveis, praticada por indivíduos ou grupos que se movem de forma clandestina na sociedade com a intenção de coagir a uma determinada conduta (Martin, 2010). Lara afirma que "todo o terrorismo é acto político" e que "o terrorismo é instrumental, ou seja é um meio e não um objectivo final" (2005, p. 458).

Num relatório elaborado pela Assembleia da República (2015), afirma-se a propósito do terrorismo que "ainda que incida sobre as pessoas, sobre coisas ou sobre interesses do Estado, o terrorismo diferencia-se dos demais crimes tipificações penais pelas motivações que estão na origem do acto ilícito" (p. 9).

O terrorismo enquadra as previsões do Tratado de Funcionamento da União Europeia (2012) nos termos do disposto no seu artigo 83, n.º 1. No quadro Europeu, assume particular relevância a Decisão-Quadro do Conselho da União Europeia 2002/475/JAI, de 13 de Junho, relativa à luta contra o terrorismo e que refere que a definição das infrações deve ser aproximada em todos os Estados-

⁶ Apesar de a motivação poder ser diversa, existe sempre subjacente um objectivo último de cariz político associado às diferentes causas. O terrorismo pretende alterar políticas em determinado contexto, o pretexto ou a matriz ideológica é que é variada.

Membros. Esta Decisão foi alterada pela Decisão-Quadro 2008/919/JAI de 28 de Novembro, que integra o incitamento, recrutamento e treino para o terrorismo. A Directiva (UE) 2017/541, de 15 Março, do Parlamento Europeu e do Conselho substituiu a Decisão-Quadro 2002/475/JAI do Conselho e estabelece alterações à Decisão 2005/671/JAI, de 20 Setembro do Conselho, sendo que os Estados-Membros deverão adoptá-la até 08 Setembro de 2018.

Em Portugal, o crime de terrorismo encontra-se tipificado na Lei n.º 52/2003, de 22 de Agosto, que efectua a transposição do normativo da União Europeia citado para a legislação nacional⁷ (AR, 2015).

Considerando a existência de várias categorizações do terrorismo em razão do enquadramento conceptual utilizado por investigadores, académicos e profissionais desta área, optámos por adoptar a nomenclatura utilizada pela Europol⁸ que transpõe a classificação definida por Schmid & Jongman (1988), baseada nas características ideológicas.

Um dos conceitos que assume também uma particular relevância neste contexto é o de extremismo. Segundo Martin (2010), extremismo refere-se a uma qualidade do que é extremo, radical na opinião, especialmente em matérias políticas, ou seja, advoga a adopção de medidas extremas como forma de resolução de problemas sociais, políticos ou outros. É caracterizado pela intolerância relativamente a interesses opostos e opiniões divergentes, podendo ser o catalisador e motivador do terrorismo. Sendo uma expressão radical de valores políticos, é caracterizado pela combinação entre os valores defendidos e pela forma como são expressos – conteúdo e estilo.

Radicalização é uma expressão que pode gerar alguma controvérsia. No seu sentido mais básico é o processo segundo o qual alguém se torna radical. Para muitos, não existe qualquer problema associado ao facto de ser considerado radical. Muitas das mudanças históricas, hoje entendidas como positivas, foram em determinado momento encaradas como radicais. Do ponto de vista securitário,

⁷ Na legislação nacional, a definição do crime resulta da conjugação dos artigos 4º e 5º, com o nº 1 do artigo 2º. Diploma alterado pela Lei 59/2007, de 4 de Setembro, pela Lei 25/2008, de 5 de Junho, pela Lei 17/2011, de 03 de Maio e pela Lei 60/2015, de 24 de Junho.

⁸ Europol - Agência da União Europeia para a Cooperação Policial com o objectivo de apoiar a cooperação entre as autoridades policiais na União. A classificação utilizada em 2017, pela EUROPOL é a seguinte: Terrorismo Jihadista, Terrorismo Etno-nacionalista e Separatista, Terrorismo de Extrema-Esquerda e Anarquista, Terrorismo de Extrema-Direita, e Terrorismo de Causa Única ou Específica (EUROPOL, 2017, p. 55).

as actividades radicais constituem-se como ameaça quando advogam a utilização da violência para a promoção de uma causa e, mesmo neste caso, distinguem-se entre a invocação e a sua utilização (Gursky, 2016). Pode ser igualmente considerada como um processo através do qual um indivíduo é exposto a uma mensagem e sistema de crenças que encoraja a mudança de uma visão moderada para uma visão extrema. Estas visões só se tornam problemáticas quando utilizadas para a promoção ou tolerância da violência e de outros comportamentos extremos, incluindo o terrorismo (RCMP, 2009).

No contexto do terrorismo, assume ainda particular relevância a figura do simbolismo entendida como factor de racionalização dos actos de violência extrema e manipulável para incluir qualquer tipo e número de alvos considerados de interesse. Funciona enquanto elemento de relações públicas e propaganda para justificar os actos de violência e para criar laços ideológicos abstractos entre os terroristas e as suas vítimas (Martin, 2010).

1.2 Uma explicação do terrorismo moderno

Em diversos momentos históricos, tanto indivíduos isolados como grupos foram responsáveis por actos enquadráveis como acções terroristas. Um dos mais antigos exemplos refere-se à luta dos Zelotas contra o Império Romano na Palestina, entre 66 e 73 d.C. (Laqueur, 2001; Hoffman, 2006). Outro exemplo clássico alude aos Assassinos, movimento radical e difuso da seita dos Ismaelitas, que a partir do século XI procederam ao homicídio selectivo de líderes das elites muçulmanas e de alguns cruzados que tentavam conquistar a actual Síria e Irão. Seleccionavam o alvo mais difícil e utilizavam a modalidade de acção mais perigosa, geralmente uma adaga, para a consumação do ataque (Laqueur, 2001; Lewis, 2001; Daftary, 2001; Bartlett, 2007; Baddeley, 2009; Hoffman, 2006). O fundador deste movimento foi um missionário de nome Hasan-i-Sabbah que tomou a fortaleza de *Alamut*, no actual Irão, em 1090. A partir deste local e nos dois séculos seguintes, expandiram-se para a Síria e Irão desafiando o poder dos turcos Seljúcidas e dos sunitas, tendo apenas sido derrotados pelos Mongóis, no século XIII (Laqueur, 2001; Lewis, 2001; Daftary, 2001; Bartlett, 2007; Baddeley, 2009; Hoffman, 2006). Law afirma que "(...) os Assassinos foram os precursores dos modernos Jihadistas" (2009, p. 40).

Rapoport (2004) desenvolveu uma teoria de análise do terrorismo moderno a que corresponde, em termos temporais, o período histórico relativo aos últimos cento e trinta anos. Considerou a existência de quatro vagas⁹ que se sobrepõem, com origem em eventos catalisadores distintos e cuja duração média são ciclos históricos de aproximadamente quarenta anos.

Segundo Kaplan (2012), esta hipótese remete-nos para a análise da teoria de Schlesinger sobre os ciclos da história política dos Estados Unidos, a qual sustenta a ocorrência de variações e flutuações geracionais e a interdependência de interesses de natureza privada e pública.

Na conceptualização desta teoria, Rapoport (2004) identifica uma primeira vaga terrorista, que denominou como "anarquista" e que se verificou entre o último quarto do século XIX e 1920. A era do terrorismo moderno é coincidente com o início desta vaga e tem como ponto originário a Rússia. O homicídio de figuras socialmente proeminentes foi a modalidade de acção comumente adoptada pela generalidade dos grupos terroristas desta época, incluindo os de cunho nacionalista. Sucedeu-lhe a vaga "anticolonialista", que se iniciou no período correspondente ao final da primeira grande guerra e que terminou aproximadamente nos anos sessenta. Com o aparecimento dos grupos de afiliação revolucionária, comunista e marxista, surge uma terceira vaga designada como "nova-esquerda", que termina no final do século XX. Por fim, e correspondendo ao período contemporâneo, é identificada uma vaga "religiosa" que teve o seu início em 1979 e que persiste até hoje.

Não obstante a ocorrência de anomalias¹⁰ nos ciclos históricos definidos, a teoria das quatro vagas é geralmente referenciada por outros autores enquanto modelo organizativo e explicativo do terrorismo moderno (Schmid, 2010; Kaplan, 2012; Forrest, 2015).

Por questões relacionadas com a limitação do objecto de estudo, apesar de considerarmos como relevante e contextualizador, abordaremos a relação entre a religião e a violência, o fundamentalismo e o movimento Jihadista global nos três primeiros anexos desta dissertação.

⁹ Cada vaga é entendida como um ciclo definido num determinado período caracterizado por fases de expansão e contracção (Rapoport, 2004, p. 47).

¹⁰ A título meramente exemplificativo, a actividade do *Irish Republican Army*.

2. Estruturas e modelos funcionais das organizações terroristas

2.1 As aranhas e as estrelas-do-mar

As organizações terroristas são normalmente descritas utilizando a analogia biológica das células.¹¹ A identificação dos seus modelos organizativos contribuem para um melhor conhecimento das suas capacidades e impacto. Considerando que não existem arquétipos estáticos e que tendencialmente se verifica uma evolução temporal, subsistem como modelos principais de comando e controlo das organizações terroristas: o modelo hierárquico, o modelo em rede, ou uma combinação dos dois (Sageman, 2004).

A longevidade, a ideologia e a agenda política contribuem muitas vezes para a definição do modelo. Tendencialmente, a associação entre violência e acção política determina, por regra, uma estrutura hierárquica mais vincada (Nance, 2008).

As organizações terroristas evoluíram para estruturas mais planas e fluídas, caracterizando-se por uma maior descentralização, delegação dos processos de decisão e pelas ligações entre indivíduos e grupos dispersos (Martin, 2011). O modelo organizativo da al-Qaeda, a título meramente exemplificativo, possuiu três fases distintas até ao momento¹², readaptando-se e reinventando-se em razão do contexto e das necessidades (Hoffman & Reinares, 2014; Duarte, 2015). A análise da estrutura difusa da al-Qaeda, defendida por Hoffman e Jenkins, concretiza quatro dimensões: a al-Qaeda central, grupos afiliados, unidades afiliadas e uma rede informal (Jenkins 2011; Hoffman & Reinares, 2014).

A revolução verificada nas tecnologias de informação permitiu que as organizações terroristas adoptassem uma estrutura em rede, considerando que esta garante uma maior capacidade de reacção, adaptação e resposta do que a dos seus adversários, os actores estatais. Este facto conduziu a uma alteração do

¹¹ Biologicamente as células são a estrutura básica da vida. Célula é uma unidade com um número limitado de membros, mas nunca inferior a três, um dos quais, o líder, efectua a ligação com a célula seguinte. O risco de penetração adversária é reduzido ao mínimo, porque os membros só conhecem o que devem conhecer, e mesmos os líderes de célula só conhecem um número limitado de membros de outras células (Guedes, 2007).

¹² Central, periférica e fluída ou inspiradora.

balanço do poder entre estes e os actores não estatais (Arquilla & Ronfeldt, 2001).

Brafman e Beckstrom (2006) exploraram em "*The Starfish and the Spider*" o potencial das organizações descentralizadas recorrendo às características de dois animais invertebrados: as estrelas-do-mar e as aranhas. As duas espécies, aparentemente semelhantes na sua fisiologia externa, pouco mais possuem em comum do que apresentarem uma estrutura ou corpo central a partir do qual se desenvolve um número variável de membros.

As aranhas possuem uma forma designada como simetria real ou bilateral e uma organização celular especializada. Em função desta, apresentam uma estrutura fisiológica perfeitamente diferenciada, em que cada um dos órgãos desempenha uma função específica. O seu cérebro, corpo e membros exercem as funções que lhes associamos (Brafman & Beckstrom, 2006).

Quando uma aranha se movimenta, o cérebro transmite uma ordem ao corpo e pernas. Ao procedermos à separação da cabeça ou de uma das suas pernas, a aranha perecerá ou ficará mutilada para sempre. No processo evolutivo da aranha, a especialização e a diferenciação celular não possibilitaram a replicação de órgãos (Brafman & Beckstrom, 2006).

As estrelas-do-mar, por outro lado, possuem uma simetria radial, sendo constituídas por um conjunto de células não especializadas e semelhantes entre si. Não possuem cérebro nem uma estrutura central de comando do corpo. Os seus órgãos mais importantes encontram-se replicados em cada um dos seus membros. A amputação de um membro originará, em regra, a regeneração da parte mutilada e uma possível replicação. Em algumas espécies, por cada porção amputada será obtido igual número de replicações. Esta forma de regeneração resulta da sua organização fisiológica constituída por redes neurais, ou seja, por uma rede de células que funcionam de forma descentralizada, estando a sua *inteligência* distribuída pelo sistema nervoso (Brafman & Beckstrom, 2006).

O processo de funcionamento interno das estrelas-do-mar não é ainda totalmente conhecido. Considerando que não existe qualquer órgão central que determine o movimento, as células de um dos membros terão que *convencer* todas as restantes desta necessidade e assegurar a correspondente cooperação (Brafman & Beckstrom, 2006).

Não obstante a maior parte dos organismos com que estamos familiarizados sejam multicelulares, subsistem muitos organismos unicelulares.

Com a complexidade, a organização celular tende a especializar-se e a tornar-se mais eficiente o que obriga à comunicação. Numa organização terrorista, o propósito da organização celular é a incrementação da segurança operacional e a capitalização da especialização. Tal como os organismos multicelulares, as organizações terroristas aprendem e adaptam as metodologias, modificando as suas mensagens com a longevidade e as mudanças de contexto (Foster, 2006).

Organizações como a al-Qaeda ou, por exemplo, a *Animal Liberation Front*¹³ são estruturas descentralizadas ou de tipo estrela-do-mar, enquanto a maior parte das instituições governamentais e as forças e serviços de segurança são estruturas centralizadas como a aranha¹⁴.

Alguns grupos extremistas utilizam um modelo ainda mais descentralizado, denominado *leaderless resistance*. Simplisticamente, podemos afirmar que os indivíduos ou as células são motivados pelos objectivos gerais do grupo mas não estão coordenados ou em comunicação directa (Foster, 2006).

Se considerarmos nesta perspectiva os ataques contra a al-Qaeda no Afeganistão em 2001, verificamos que uma das suas consequências foi a replicação da organização e a sua transformação numa rede mais descentralizada e fluída. A morte de Bin Laden, em 2011, não produziu um impacto significativo na alteração da ameaça representada pela al-Qaeda nos países ocidentais, a qual, apesar de ter sido decapitada do seu líder, subsistiu e reinventou-se através de novas metodologias e táticas.

A organização flexibilizou-se mas não opera de forma anárquica. Neste sentido, as organizações em rede¹⁵ constituem-se como um modelo intermédio

¹³ *Animal Liberation Front*, movimento de causa única que protesta contra os abusos dos animais. Responsáveis por actos de violência como sejam o dano, vandalismo e fogo posto (Martin, 2010).

¹⁴ No anexo quatro ao presente estudo, encontraremos outro exemplo histórico interessante relativo à interactividade entre os dois sistemas.

¹⁵ Efectuando uma ponte entre os conceitos de rede e de *swarming* relativamente à análise da actividade da Al-Qaeda e do exército norte-americano no Afeganistão e Iraque, Arquilla (2011) conclui que a organização terrorista adaptou-se a uma estrutura mais fluída e em rede, mas não conseguiu manter o *swarming* operacional saturando os adversários com ataques constantes, enquanto o exército americano se adaptou rapidamente ao *swarming* mas nunca conseguiu criar redes locais, sólidas e firmes.

entre as estruturas hierarquizadas e a resistência sem líder tendencialmente mais anarquizada, assumindo algumas das suas características (Martin, 2011).

Quando atacados, os sistemas descentralizados tendem a tornar-se mais abertos e ainda mais descentralizados (Brafman & Beckstrom, 2006).

Contudo não pretendemos afirmar que um modelo organizativo é superior ou mais vantajoso que o outro, porque em função das circunstâncias e do contexto, ambos possuirão vantagens e inconvenientes. Pretendemos apenas salientar que a incapacidade de reconhecer o sistema organizativo que enfrentamos poderá ser determinante na opção de actuação e no seu resultado expectável, independentemente do âmbito em que desempenhamos a nossa actividade.

Considerando o exposto, analisaremos no ponto seguinte, a estratégia da resistência sem líder.

2.2. A resistência sem líder (*leaderless resistance*)

No final da década de 70, vários movimentos da extrema-direita norte americana reuniram-se num conjunto de conferências organizadas pelas *Aryan Nations*¹⁶, no intuito de criar uma frente comum. Estas reuniões originaram um conjunto de publicações e estratégias, que definiram este movimento nas duas décadas seguintes e contribuíram para a prática de acções violentas e criminais, desencadeadas por grupos e indivíduos associados ao contexto ideológico, que visavam derrubar o governo e criar os pilares de uma nova ordem social, baseada no modelo nacional-socialista alemão (Corcoran, 1995; George & Wilcox, 1996; Kaplan, 2000; Martin, 2011; Simi & Futrell, 2015).

A resistência sem líder é um dos mais importantes conceitos que emergiram neste contexto, apesar de ser também utilizado por organizações extremistas de defesa dos direitos do ambiente¹⁷ e dos animais¹⁸ (Garfinkel, 2003). É uma estratégia advogada e utilizada por grupos militantes antigovernamentais nos EUA, associados aos movimentos de extrema-direita e supremacistas brancos que, por vezes, integram adicionalmente elementos de

¹⁶ O movimento incluía: neonazis, supremacistas, fundamentalistas cristãos, defensores da utilização de armas de fogo, antiaborcionistas.

¹⁷ *Earth Liberation Front*, grupo de causa única que protesta contra a degradação ambiental e poluição. Potencialmente mais radical que o *Animal Liberation Front* (Martin, 2010).

¹⁸ Ver nota rodapé 15.

natureza religiosa e de ordem *patriótica*¹⁹, nomeadamente no que respeita às políticas de controlo de utilização de armas de fogo, encaradas como tentativas governamentais para a limitação da legitimidade à autodefesa (Beam, 1992; Abanes, 1996; Kaplan, 2000; Hoffman, 2006; Martin, 2010; Forrest, 2015).

Neste modelo de actuação, um indivíduo ou um pequeno grupo podem, por sua livre iniciativa e sem qualquer coordenação superior, envolver-se nas acções violentas que entendam pertinentes para legitimar os objectivos de uma organização, tendo como finalidade evitar ou limitar as responsabilidades legais decorrentes das actividades criminais individuais que daí possam resultar (Beam, 1992; Kaplan, 2000; Hoffman, 2006; Martin, 2011). Estas acções podem assumir a forma de ataques a instituições governamentais e aos seus representantes e de oportunidade, seleccionados com base na percepção de vulnerabilidade e importância simbólica do alvo (Kaplan, 2000).

A estratégia foi inicialmente proposta pelo Coronel Ulius Louis Amoss²⁰, na década de 60, como resposta a uma possível invasão e tomada do controlo do território dos EUA pelo regime comunista da União Soviética (Beam, 1992; Garfinkel, 2003). O líder supremacista Louis Beam²¹ desenvolveu-a extirpando todo o conteúdo anti-soviético por considerar que no contexto temporal do início da década de oitenta, este país já não representava qualquer ameaça para os EUA (Beam, 1992; Kaplan, 2000; Martin, 2011; Forrest, 2015). Beam argumenta que a tradicional organização em pirâmide hierárquica dos exércitos de libertação quando empregue por um movimento de resistência se torna potencialmente nefasta para os seus membros face à actuação das forças governamentais:

¹⁹ Coligação não formal de indivíduos e grupos associados à extrema-direita norte-americanos que partilham visões antigovernamentais e teorias da conspiração. Surgiram em 1970, e atingiram o seu auge na década de 90, na sequência dos cercos a *Ruby Ridge* e *Waco*, envolvendo-se num conjunto de incidentes e actividades extremistas e criminais. Mantêm-se como um movimento bastante activo, tendo ressurgido após a eleição do ex-presidente Obama (Martin, 2011).

²⁰ Ulius Louis Amoss (1895 – 1961) oficial dos serviços de inteligência militar que publicou o ensaio original sobre *Leaderless Resistance* (Michael, 2012). Fundador do *International Service of Information Incorporated*, em Baltimore, Maryland.

²¹ Louis R. Beam, Jr, n. 1946, publicou o primeiro ensaio sobre *Leaderless Resistance* em Maio de 1983 na *Interclan Newsletter & Survival Alert*, reeditando-o na sua versão final, em Fevereiro de 1992, no número 12 da revista *Seditionist* (Garfinkel, 2003). Não obstante exortar à adopção da *Leaderless Resistance*, alguns críticos internos consideravam que Beam pretendia cimentar a sua posição interna enquanto líder e estratega do movimento supremacista branco. William Pierce e Tim Bishop das Aryan Nations foram alguns dos seus críticos internos por considerarem que o modelo podia legitimar a anarquia e não consolidar qualquer objectivo estratégico (Ross & Gruen, 2010).

"(...) especially is this so in technologically advanced societies where electronic surveillance can often penetrate the structure revealing its chain of command. Experience has revealed over and over again that anti-state, political organizations utilizing this method of command and control are easy prey for government infiltration, entrapment, and destruction of the personnel involved. This has been seen repeatedly in the United States where pro-government infiltrators or agent provocateurs weasel their way into patriotic groups and destroy them from within." (Beam, 1992, p. 3)

Propõe como modelo de actuação contra o governo a formação de "células fantasma" autónomas, sem coordenação superior, visando prevenir a *infiltração* por parte das agências federais, reconhecida como uma das maiores vulnerabilidades associada à subsistência dos movimentos supremacistas e *patriotas* da extrema-direita norte-americana (Beam, 1992; Martin, 2010).

"The answer comes from Col. Amoss who proposed the "Phantom Cell" mode of organization which he described as Leaderless Resistance. A system of organization that is based upon the cell organization, but does not have any central control or direction, that is in fact almost identical to the methods used by the Committees of Correspondence during the American Revolution. Utilizing the Leaderless Resistance concept, all individuals and groups operate independently of each other, and never report to a central headquarters or single leader for direction or instruction, as would those who belong to a typical pyramid organization." (Beam, 2006, p. 4)

"(...) participants in a program of Leaderless Resistance through phantom cell or individual action must know exactly what they are doing, and how to do it. It becomes the responsibility of the individual to acquire the necessary skills and information as to what is to be done. This is by no means as impractical as it appears, because it is certainly true that in any movement, all persons involved have the same general outlook, are acquainted with the same philosophy, and generally react to given situations in similar ways." (Beam, 1992, p. 5).

A resistência sem líder aplica-se exclusivamente a grupos com células e que não possuem comando vertical e bidireccional. A expressão é, por vezes, incorrectamente utilizada para designar organizações terroristas que empregam células ou que possuem uma estrutura em forma de estrela ou radial²² (Garfinkel, 2003).

Ao contrário do que se verifica com outras organizações terroristas, não existe qualquer incentivo para a evolução de uma organização ou movimento que adopte esta estratégia, em virtude de não integrar qualquer estrutura de comando, controlo ou planeamento, nem possibilitar a criação de uma base de apoio para um futuro ciclo político, após ultrapassada a fase da violência. Trata-se de uma estratégia desesperada, empregue por movimentos que não possuem uma significativa base de apoio popular e que temem essencialmente a infiltração por serviços de segurança. Para garantir a subsistência, necessitam de um fluxo constante de novas acções violentas por forma a cativar o interesse dos aderentes e legitimar um ideal de progresso relativamente a um objectivo (Kaplan 2000; Kaplan, 2001; Garfinkel, 2003).

As novas tecnologias possibilitaram a criação de células autónomas, por vezes constituídas por apenas um só indivíduo que, de forma anónima, podem partilhar informação e reforçar a ideologia nas redes sociais e Internet, através da publicação e disponibilização de conteúdos acessíveis de forma aberta ou encriptada a outras células ou terceiros (Garfinkel, 2003).

O crescimento da resistência sem líder nas décadas de 80 e 90 foi motivado por falhas de organização no terrorismo de extrema-direita (Michael, 2012). Mais do que uma estratégia revolucionária, a resistência sem líder foi adoptada e disseminada por uma extrema-direita fiel, que procurou transformar numa virtude as debilidades decorrentes da sua fragmentação e isolamento político (Kaplan, 2000). Este facto é assinalado e reconhecido por Beam que, no seu ensaio, refere que se trata de uma adaptação “filha da necessidade” e que possui limitadas hipóteses de sucesso (Beam, 1992).

Na definição da estratégia de resistência sem líder para a extrema-direita, assumem particular relevância por ordem cronológica os seguintes textos:

²² *Star or Hub and Spike network* (Arquilla & Ronfeldt, Networks and Netwars, 2001).

"*Hunter*" de William Pierce²³, publicado em 1989; "*Vigilantes of Christendom*" de Richard Hoskins, publicado em 1990; "*Leaderless Resistance*" de Louis Beam, publicado em 1992; e "*Wotan*²⁴ (*is coming*)" de David Lane, publicado em 1993, que revisita a teoria através da integração de elementos da mitologia germânica e nórdica (Kaplan, 2000).

2.3 As obras de William Pierce e o seu impacto

No contexto ideológico dos movimentos supremacistas assumem particular relevância duas obras escritas pelo líder neonazi da *National Alliance*, William Pierce com o pseudônimo de Andrew MacDonald, "*The Turner Diaries*" e "*Hunter*" porque desenvolvem de forma ficcionada os temas associado à actuação das pequenas células e dos actores isolados. Os eventos de *Ruby Ridge*²⁵, *Waco*²⁶ e posteriormente *Oklahoma*²⁷, acabaram por lhes trazer uma maior exposição e de alguma forma consolidar a estratégia de Beam, no sentido em que não era uma teoria isolada e que era necessária para fazer face a um governo que pretendia erradicar a extrema-direita (Kaplan, 2000).

Pierce era reconhecidamente considerado pelos seus pares como o mais proeminente propagandista do movimento e líder espiritual até ao seu falecimento em 2002 (Kaplan, 2000; Martin, 2010; Michael, 2012). No entanto, no que respeita à questão da violência praticada pela extrema-direita mais radical, manteve sempre um distanciamento cauteloso²⁸ e previdente (Kaplan, 2000).

O seu livro é simultaneamente considerado como a "Bíblia" da direita racista e como arquétipo de uma possível revolução antigovernamental

²³ Doutor William Luther Pierce, antigo professor de física na Universidade do Oregon. Crítico da estratégia de apresentada por Beam apesar de considerar pontualmente a utilização de pequenas células.

²⁴ Também conhecido por *Wodan* e *Odin*, Deus da mitologia nórdica e germânica (Orel, 2003).

²⁵ Incidente verificado em 1992, quando elementos dos *US Marshals* e do *FBI* se deslocam a uma residência nesta localidade para proceder à detenção de um indivíduo, suspeito de possuir armas de fogo ilegalmente. O cerco resulta num incidente do qual resultam, três mortes, um elemento dos *US Marshals*, um filho menor de Randy Weaver e a sua esposa. É considerado como um dos incidentes que despoletou o movimento das milícias nos EUA (George & Wilcox, 1996; Kaplan, 2000; Turchie & Puckett, 2007).

²⁶ Cerco realizado pelas autoridades dos EUA a um culto religioso denominado *Branch Davidians*, liderado por David Koresh. Da tentativa de assalto resultaram inicialmente 10 mortos. O cerco terminou após 51 dias, e em que na sequência de uma incidência acabam por falecer setenta e seis membros do culto. Os dois incidentes são encarados pela extrema-direita norte-americana como uma tentativa do governo federal para erradicar o movimento (George & Wilcox, 1996; Kaplan, 2000).

²⁷ Atentado contra o edifício federal *Murrah*, por Timothy McVeigh em 19 Abril 1995.

²⁸ Por vezes é apelidado como o "*ghost in the machine*" do movimento (Kaplan, 2000).

(Kushner, 1998). É inspirado numa obra elaborada com o mesmo princípio narrativo, publicada em 1959 e intitulada "*The John Franklin Letters*" (Griffin, 2001)²⁹.

Escrito entre 1975 e 1978, "*The Turner Diaries*" foi inicialmente publicado de forma seriada na *newsletter* da *National Alliance* intitulada *Attack!* e apenas mais tarde editado como livro. Pierce é largamente responsável pela criação de um género de *literatura* na qual uma história de ficção integra aspectos ideológicos e propagandistas, bem como um conjunto de elementos relacionados com o planeamento e execução de ataques terroristas (Michael, 2012).

Trata-se de uma obra de ficção, propagandista, extremista e racista, escrita num estilo simples e cru, contendo descrições gráficas de violência. Funciona eficientemente enquanto elemento de propaganda, incluindo técnicas que visam maximizar o seu impacto nos leitores como o apelo à acção, a ênfase na autenticidade, os objectivos do terrorismo e a orientação prática (Berger, 2016). São expressos conceitos como a "propaganda pelos actos", originalmente utilizada pelos anarquistas na primeira vaga do terrorismo moderno e pelos jihadistas actuais. Segundo o livro, "o terrorismo deve ser encarado como um exemplo para outros mais do que como uma acção para a destruição de alvos" (Berger, 2016, p. 15).

O protagonista descreve sob a forma de entradas de diário, o desenvolvimento de uma revolução contra o governo federal dos Estados Unidos da América, intitulado como "O Sistema", por parte de uma entidade designada como "A Organização", visando a eliminação de todas as minorias étnicas. Esta acção ocorre após o anúncio de uma iniciativa legislativa, o *Cohen Act*, que determina recolher e banir a utilização de armas de fogo por particulares³⁰ (Macdonald, 1978; George & Wilcox, 1996; Abanes, 1996; Kaplan, 2000; Forrest, 2015; Berger, 2016). É detalhado o planeamento e a execução de um atentado terrorista contra a sede do FBI, em que é utilizado um veículo-bomba contendo no

²⁹ O escritor de ficção científica Robert A. Heinlein publicou, em 1941, uma história seriada sobre a tomada dos EUA pela China e pelo Japão, intitulados como *PanAsians* com forte conteúdo rático, provavelmente influenciada pelo contexto do ataque a *Pearl Harbour*, em 07 Dezembro desse ano.

³⁰ A questão relativa à livre posse e controlo das armas de fogo prevista na Segunda Emenda da Constituição dos EUA, e cujo texto refere "*A well regulated militia being necessary to the security of a free state, the right of the people to keep and bear arms, shall not be infringed.*" Têm sido interpretadas em sentidos distintos, sendo um dos pontos mais acerrimamente defendidos por grupos conservadores de extrema-direita e pelos movimentos das milícias e patriotas.

seu interior, nitrato de amónio, combustível e explosivos convencionais (Macdonald, 1978).

Em 19 de Abril de 1995, precisamente dois anos após o término do cerco de Waco, ocorreu um ataque terrorista contra o edifício Federal *Murrah*, em Oklahoma, que provocou 168 vítimas mortais e cerca de 500 feridos. O ataque perpetrado por Timothy McVeigh³¹ foi considerado o mais grave acto de terrorismo doméstico nos EUA. Para o efeito, foi utilizada uma viatura contendo no seu interior um engenho explosivo improvisado semelhante ao descrito no livro de Pierce (Stickney, 1996; Hamm, 1997; Michel & Herbeck, 2001; McCann, 2006; Michael, 2012; Berger, 2016). Na viatura em que foi detido, cerca de uma hora após o atentado, foram encontrados panfletos propagandísticos de extrema-direita, artigos referentes ao cerco de *Waco* e cópias de páginas dos "*The Turner Diaries*" de Pierce (Hamm, 1997; Michel & Herbeck, 2001; McCann, 2006; Berger, 2016).

Segundo Berger (2016), McVeigh tomou contacto com o livro de Pierce na adolescência, recomendando-o frequentemente ao seu círculo de amigos e conhecidos. No exército, promoveu-o junto dos seus camaradas, tendo sido advertido para o deixar de fazer (Hamm, 1997; Nash, 1998; Michel & Herbeck, 2001; Michael, 2012; Berger, 2016).

Berger (2016) procedeu a uma análise do impacto dos "*The Turner Diaries*"³² na execução de vários actos de violência entre os anos de 1984 e 2016, concluindo que um conjunto elevado de leitores foi responsável por cerca de duzentos homicídios em vários locais do mundo³³. Entre estes, encontram-se

³¹ Apesar de ter sido suscitada a possibilidade de *outros desconhecidos* terem auxiliado McVeigh, os únicos implicados na preparação do ataque foram os seus amigos, Terry Nichols e Michael Fortier. Este último testemunhou contra McVeigh, garantindo a imunidade da sua esposa, Lori Fortier (Jones & Israel, 1998).

³² Christopher Hewitt refere em "Understanding Terrorism in America: From the Klan to Al-Qaeda", que "It is interesting that over 200.00 copies of "The Turner Diaries" have been sold since 1978 - a figure very similar to that of the high estimate of white supremacist groups." (2003, p. 52).

³³ Ann Larabee, desenvolve em "*The Wrong Hands*" um exercício sobre a exploração do conflito entre liberdade de expressão e o desafio colocado à segurança interna pela publicação, disponibilização e a posse de publicações de manuais de utilização de armas/explosivos e outras obras semelhantes às de Pierce, concluindo que, na generalidade dos casos, não se constituem geradoras do exercício da violência, funcionando muitas vezes como instrumento de provocação para testar respostas governamentais à sua publicação ou divulgação, sendo que essas poderão gerar contestação se consideradas abusivas (Larabee, 2015).

McVeigh e os membros do *National Socialist Underground*³⁴ da Alemanha (Berger, 2016)

Nas décadas de 80 e 90, observaram-se tentativas de replicação da organização descrita no livro de Pierce por parte de grupos de extrema-direita norte americanos, mas sem grande expressão ou sucesso³⁵ (Michael, 2012).

Pierce, numa entrevista concedida a Griffin (2001) argumenta que os explosivos eram diferentes e a justificação para o cometimento do acto também diverge. Enquanto no livro, a motivação se prende com a destruição do sistema informático visando eliminar dados de passaportes que “A Organização” não pretendia que fossem implementados, no caso de McVeigh, a intenção subjacente foi provocar o maior número de vítimas possível e o impacto decorrente da acção. Pierce afirma que trabalhou com o advogado de defesa de McVeigh, no sentido de desconstruir a tese da acusação que associava o livro à execução do atentado (Griffin, 2001). Obviamente, a Pierce não interessava esta associação directa, apesar de para o seu movimento ser admissível relacionar o livro com o evento.

No início da década de 70, Joseph Tommasi, líder da National Socialist Liberation Front, defendeu um modelo mais empenhado de actuação contra o governo federal, recomendando a acção individual. Este modelo contrastava com as tácticas adoptadas pela generalidade das estruturas terroristas suas contemporâneas, as quais possuíam estruturas centralizadas, hierarquizadas e organizadas de comando e controlo (Kaplan, *apud* Martin, 2011).

Apesar de ter sido escrito em 1989 por Pierce, “*Hunter*” relata eventos anteriores aos “*The Turner Diaries*” e é considerado como o seu antecessor³⁶. O seu personagem principal percorre o caminho de “lobo solitário” até incorporar uma organização que visa alterar a ordem instituída. O protagonista, Oscar Yeagar³⁷, é um ex-piloto da guerra do Vietname, funcionário do Departamento de Defesa, assumindo paralelamente uma actividade de assassino em série, dedicando-se a executar casais inter-raciais e homossexuais, no que considera

³⁴ Grupo neonazi alemão responsável pela morte de 10 indivíduos, maioritariamente de origem turca, entre 2000 e 2007 (EUROPOL, 2013; EUROPOL, 2012).

³⁵ A título de exemplo: *The Order; The Order II; The Covenant, The Sword, and The Arm of The Lord; Phineas Priesthood; Bruder Schwigen*.

³⁶ Prequel no original. Prequela, nome feminino, obra cuja história ou enredo serve de antecedente a uma outra já existente. Palavra sobre a qual subsistem dúvidas quanto à utilização na língua portuguesa.

³⁷ *Jäger*, em alemão possui o mesmo significado que *hunter*, caçador.

ser uma revolução protagonizada por apenas um homem. Mais tarde, no intuito de lutar contra uma conspiração semita e afro-americana no governo federal, associa-se a uma organização supremacista branca, a *National League* (Macdonald, 1989; Martin, 2011; Forrest, 2015; Berger, 2016).

O livro é dedicado a Joseph Paul Franklin³⁸, um assassino em série extremista que, entre 1977 e 1980, encetou uma cruzada homicida motivada por um ódio patológico aos afroamericanos e judeus e que procedeu à colocação de engenhos explosivos em sinagogas. Apesar de Pierce ter negado que o livro era inspirado em Franklin, este encara o arquétipo do "lobo solitário assassino" que o movimento nacional-socialista americano sempre tentou modelar.

Após entrevistar Pierce, Griffin (2001) afirma ter chegado à conclusão que este modelou as várias personagens do livro em si próprio ou das suas expectativas, em determinados momentos da sua vida. Não obstante Pierce considerar que "*Hunter*" estava muito melhor escrito que "*The Turner Diaries*", o livro nunca obteve o mesmo sucesso do seu antecessor (Griffin, 2001).

O conceito de revolução protagonizada por apenas um indivíduo foi posteriormente popularizado por dois supremacistas brancos, Alex Curtis³⁹ e Tom Metzger⁴⁰ que, a partir da estratégia de Beam, enfatizaram a acção individual para a realização de actos violentos como forma de evitar e limitar a responsabilização em acções judiciais por parte dos movimentos que integravam.

Metzger foi o autor de dois ensaios intitulados "*Begin with the Lone Wolves*" e "*Laws of the Lone Wolves*", que referem que esta estratégia é indispensável para a mobilização inicial do movimento, partilhando com Beam a visão de que se trata de uma opção de "filha da necessidade", em resultado do

³⁸ James Clayton Vaughnan (1950-2013) alterou o seu nome devido aos seus antecedentes criminais, em 1976, para Joseph Paul Franklin quando procurou integrar o exército da Rodésia. Joseph Paul advém do nome do Ministro da Propaganda de Adolfo Hitler, Joseph Paul Goebbels e Franklin, de Benjamin Franklin. Joseph Paul Franklin integrou desde a adolescência o *American Nazi Party* e mais tarde, o *Ku Klux Klan* e o *National States Rights Party*. Foi condenado a oito sentenças de pena perpétua e a uma sentença de pena de morte, tendo sido executado por injeção letal em 20/11/2013. Nunca manifestou qualquer remorso pela prática dos crimes de que foi acusado nem alterou os seus pontos de vista.

³⁹ No final da década de 90, foi considerado um dos mais radicais e influentes líderes na extrema-direita racista.

⁴⁰ Fundador na década de 80, da *White Aryan Resistance* (WAR) organização supremacista e neonazi. Metzger é um antigo ex-coronel do exército dos EUA e simultaneamente um antigo-Grande Dragão do KKK da Califórnia, destacando-se particularmente no aliciamento da juventude para o movimento *skinhead* e na difusão da música *White Power*, através da editora *Resistance Records* da qual foi também fundador (George & Wilcox, 1996; Martin, 2010). A editora foi adquirida por Pierce em 1999 (Kaplan, 2000).

acompanhamento e vigilância efectuado pelas autoridades federais. Metzger manifestou, em vários momentos, o seu apreço por acções praticadas por actores isolados em contextos rácicos (Gill, 2015).

Curtis, por sua vez, desenvolveu um sistema que intitulou como "*lone wolf point system*" em que atribuía uma determinada pontuação a alvos previamente identificados (Anti-Defamation League, 2012). Comparativamente aos autores anteriores que abordaram apenas as questões estratégicas ou ficcionais, Curtis optou por desenvolver uma metodologia prática de selecção de alvos (Gill, 2015). Extremamente popular entre os líderes e nas bases, aconselhou os seus seguidores apenas à actuação individual (Anti-Defamation League, 2012). A retórica inflamada de Curtis visando a promoção de uma futura revolução racial, o não cumprimento da modalidade de acção que propunha aliada ao facto de se dedicar ao tráfico de estupefacientes, acabaram por alertar as autoridades e ditar a sua detenção, em 2000 (Michael, 2012).

Beam, Metzger e Curtis foram os primeiros elementos da extrema-direita a compreender as oportunidades e potencialidades proporcionadas pela Internet na disseminação, divulgação e na comunicação da informação com os seus partidários e apoiantes (Spaij, 2012).

Partilhando os mesmos princípios, o grupo antiaborcionista *Army of God*⁴¹ editou um manual prático de actuação para lobos solitários que, essencialmente, se refere à execução de acções não violentas para perturbação do funcionamento normal de clínicas médicas. As técnicas mais violentas são relegadas para um anexo que se encontra em oposição ao conteúdo genérico do manual. O sítio do grupo⁴² disponibiliza um conjunto de perfis de lobos solitários dentro do seu âmbito de actuação, incluindo o de Eric Rudolph de que falaremos oportunamente (Gill, 2015).

2.4 As pequenas células e actores isolados no Movimento Jihadista Global

A concepção e apoio a movimentos em pequenas células e o incitamento à acção individual não são recentes. No início deste estudo, fizemos referência a um texto de Ayman al-Zawahiri "*Knights under the Prophets Banner*", datado de

⁴¹ Movimento fundamentalista cristão que nos EUA ataca alvos moralistas e clínicas onde se pratica a interrupção voluntária da gravidez (Martin, 2010).

⁴² [Http://www.armyofgod.com/](http://www.armyofgod.com/).

2001, onde se propõem ataques em pequena escala contra os seus adversários. O texto foi publicado após o 11 de Setembro e redirecciona a missão da al-Qaeda, quando esta se encontrava pressionada no Afeganistão.

Em 2003, é divulgado, no fórum extremista Ecos da Jihad, um texto encorajando os simpatizantes de Osama Bin Laden ao desenvolvimento de acções autónomas.

Em 2004, Abu Musab al-Suri⁴³ publica "*A Call for Worldwide Islamic Resistance*", propondo, num texto de cerca de 1600 páginas, uma nova fase da *Jihad* caracterizada por acções terroristas praticadas por pequenas células e acções individuais, que denomina igualmente como resistência sem líder. No seu ensaio al-Suri explica as três primeiras categorias da *Jihad*, verificadas entre 1963 e 2001: a Escola da Organização Dinâmica, a escola das Frentes Abertas e a escola da *Jihad* Individual. Afirma que a primeira escola já não é viável considerando que o combate contra os governos apóstatas através da *Jihad* armada se tem revelado um fracasso. Sugere que uma combinação entre as Frentes Abertas e a *Jihad* Individual poderá permitir um maior impacto global (Wiskind, 2016). Abu Jihad al-Masri, publicou, em 2006, um texto sobre o mesmo tema intitulado "*How to Fight Alone*." (Mansfield, 2006; Kepel & Millelli, 2008; Lia, 2009; Bakker & Graaf, 2011).

Nos anos seguintes, são publicados vários artigos nas revistas *Inspire*, associada à al-Qaeda, e na *Dabiq* e *Rumiyah*, associadas ao Estado Islâmico, apelando directamente à *Jihad* individual. Nos artigos de *Open Source Jihad* ou *AQ Chef*, são difundidos conteúdos onde: i) sugerem como preparar engenhos explosivos improvisados; ii) sugerem *modus operandi* de actuação diversa, incluindo a utilização de armas brancas ou de instrumentos de oportunidade como viaturas; iii) são identificados alvos, iv) é efectuada uma a revisão de acções praticadas por vários Jihadistas; e v) é efectuada o enaltecimento dos seus autores (Wiskind, 2016). Na revista *Inspire*, foram publicados excertos do livro de Al-Suri relativos à "escola da *Jihad* individual e pequenas células" (PET, 2011).

⁴³ Al-Suri, alcunhado pela Newsweek como o "Francis Fukuyama da Al-Qaeda", foi mais precisamente o Bakunine do mundo muçulmano, considerando a sua preferência por tácticas anarquistas e o desdenho pelas formas hierárquicas de organização política (Dickey, 2007; Mishra, 2017).

Assumiram também relevância algumas das mensagens proferidas pelo americano a Anwar al-Awlaki, associado à al-Qaeda da Península Arábica, que foram associadas à execução de vários actos terroristas (Wiskind, 2016).

Em 2010, Adam Gadhan, um afiliado americano da al-Qaeda, apelou especificamente à prática de acções individuais por simpatizantes da causa. Inspirado no ataque perpetrado pelo Major Nidal Hassan em *Fort Hood*, no Texas, Gadhan incitou os muçulmanos a executarem acções similares descrevendo-o como modelo (PET, 2011). Em 2011, a componente mediática da al-Qaeda publicou um vídeo intitulado *You are only responsible for Yourself*, que apelava aos muçulmanos no ocidente à prática de acções individuais de terrorismo e ao assassinio de figuras proeminentes nos seus países de residência ou origem (Richman, Sharan, 2014; Wiskind, 2016).

Em 2014, Abu Mohamed al-Adani, porta-voz do Estado Islâmico, efectuou um apelo aos possíveis apoiantes nos países ocidentais, incentivando-os à prática de acções individuais.

"If you can kill a disbelieving American or European – especially the spiteful and filthy French – or an Australian, or a Canadian, or any other disbeliever from the disbelievers waging war, including the citizens of the countries that entered into a coalition against the Islamic State, then rely upon Allah, and kill him in any manner or way, however it may be. Smash his head with a rock, or slaughter him with a knife, or run him over with your car, or throw him down from a high place, or choke him, or poison him." (Bayoumy, 2014).

Recentemente, o Emir⁴⁴ da al-Qaeda na Península Arábica, Qasim al-Raymi veio também proferir um discurso apelando à *Jihad* e aos ataques simples e fáceis contra o ocidente, referindo que na impossibilidade de possuir um exército, os jihadistas que operam individualmente constituem-se como tal e são a sua *Ummah*⁴⁵ (Joscelyn, 2017).

A posse ou a leitura de material de natureza radical não é suficiente para caracterizar um indivíduo como terrorista. A Internet e as redes sociais permitiram um maior acesso dos simpatizantes a material que de alguma forma poderá

⁴⁴ Líder muçulmano, descendente de Maomé.

⁴⁵ Comunidade dos crentes. Comunidade muçulmana. Para o Corão é definida como “um povo a quem Deus enviou um profeta” (Lopes, 2010, p. 360).

facilitar a execução de ataques ou evitar a detecção (Hamm, 2015). A legislação de muitos países obriga à execução de acções específicas para que se possa cominar o crime.

Um dos fundamentos de recrutamento da al-Qaeda tem sido a possibilidade de permitir que indivíduos anónimos possam ter a oportunidade de fazer parte de um grande movimento e adquirir fama internacional (Wiskind, 2016). Não obstante ser discutível o contributo que estes artigos possam ter tido para a execução concreta de ataques viáveis e significativos, a sua promoção pode de alguma forma dirigir os aspirantes a terroristas para os alvos sugeridos (Wiskind, 2016). Para o evitar, poderá ser adoptada uma estratégia de exploração mediática da futilidade e incosequência dos ataques mal sucedidos no sentido de prevenir futuros recrutamentos (Freedman, 2011).

Ainda assim, parece-nos importante referir, a título meramente exemplificativo, que a estreia do filme francês *Made in France* de 2015, o qual relata um ataque de uma célula terrorista local em Paris, foi por duas vezes adiado face aos ataques de Janeiro de 2015, ao *Charlie Ebro* e de Novembro de 2015, ao *Bataclan*. O realizador *Nicolas Boukrief* referiu, numa entrevista realizada em 2016, que preferia ter prevenido o ataque do que o ter antecipado (Willsher, 2016). Afirmando ser um filme violento sobre uma matéria também ela violenta, *Boukrief* revela não possuir qualquer simpatia pelos recrutas islamistas, apesar de compreender quais são as razões que os motivam ao extremismo. Filho de pai argelino e mãe francesa, revelou na entrevista que quando tinha oito anos, o seu pai foi vítima de extremistas de direita, naquilo que era designado por *ratonnade*⁴⁶ (Willsher, 2016).

⁴⁶ Violência física exercida contra pessoas de origem norte-africana. Expressão fortemente pejorativa e racista, com origem em 1937 que designa um magrebino. *Raton* designa em francês um pequeno rato. Mais tarde possui ligação aos eventos relacionados com a guerra da Argélia e teve expressão na violência perpetrada em Paris contra argelinos, em 17 e 18 de Outubro de 1961.

"This world rejects me. This world threw me away. This world never gave me a chance. This world's gonna have to pay. I don't believe in your institutions. I did what you wanted me to. Like cancer in the system. I've got a little surprise for you. Something inside of me has opened up its eyes. Why did you put it there did you not realize. This thing inside of me it screams the loudest sound. Sometimes I think I could. Burn."

Trent Reznor, *Burn*, 1994

3 Actores isolados: definições, características e casos de estudo

3.1 Definições e conceptualizações

No contexto histórico militar, a expressão "lobos solitários" foi aplicada para definir uma tática conceptualizada pelo Almirante alemão Doenitz, no emprego de submarinos no ataque aos comboios de navios aliados que atravessavam o Oceano Atlântico,⁴⁷ durante a segunda guerra mundial (Doenitz, 1997).

Foi utilizada desde a década de 50 no contexto criminal e esporadicamente no terrorista, para referenciar condutas individuais. A expressão "lobo solitário" foi popularizada pela extrema-direita norte-americana, tendo-lhe sido atribuída uma maior relevância após os ataques praticados na década de noventa, por McVeigh, Kaczinsky e Rudolph. No início deste século, ganhou projecção internacional no meio académico, na comunicação social e em algumas políticas de combate ao terrorismo. Sem dúvida que se trata de um termo atractivo que combina uma mistura de aspectos do comportamento animal e do terrorismo caracterizado pela sua dramática espectacularidade (Blanco, 2012).

Como referem Kaplan, Löow e Malkki, em "praticamente todas as eras e culturas históricas existiu a figura do *vingador solitário ou isolado*" (2015, p. 1).

⁴⁷ A *Rudeltaktik* consistia em dispor um conjunto de submarinos isolados nas prováveis rotas de passagem dos comboios de navios aliados no oceano atlântico, com a intenção de apurar a sua localização. O primeiro submarino a detectar o comboio, o "Sombra", mantinha-se fora do alcance e comunicava a posição à restante frota. Quando um número suficiente de submarinos se encontrava junto do comboio de navios, iniciavam o ataque. Para tornar mais difícil a sua detecção, actuavam ao pôr-do-sol. Cada comandante tinha a liberdade individual de optar pela tática de ataque que considerasse mais apropriada: à distância, próxima ou infiltração no comboio. Todos os submarinos abandonavam os alvos pela manhã, colocando-se a uma distância segura do comboio, voltando a repetir o procedimento na noite seguinte. Esta tipologia de ataque deixou de ser bem-sucedida quando os sinais de rádio permitiram uma melhor defesa dos navios de guerra e mercantes. No Pacífico, a Marinha dos EUA adaptou também esta tática no combate contra a armada japonesa em 1944/1945.

Como a generalidade das técnicas e táticas terroristas, pode ser encontrada em praticamente todos os contextos ideológicos e foi advogada por diversas estratégias e ideólogos enquanto uma necessidade operacional, como verificámos nos capítulos anteriores.

Teve particular expressão no final do século XIX, quando anarquistas russos e europeus incitaram à prossecução de ataques individuais para alertar para as causas por si defendidas (Iviansky,1977). Em 1877, Paul Brousse classificou-a como “propaganda pelos actos” em virtude de se referir a uma modalidade de acção política visando a prossecução da actividade terrorista pelo exemplo, funcionando desta forma como catalisadora da revolução (Kushner, 1998; Hoffman, 2006; Borum, Fein, & Vossekuil, 2012; Chaliand & Blin, 2016).

Nos últimos anos, assistimos ao aparecimento de uma profusão de expressões nem sempre coincidentes em termos de conteúdo e alcance relativamente ao fenómeno, mantendo-se as inconsistências na designação, no número de indivíduos envolvidos, na sua eventual ligação a outros actores, no perfil, nos processos de radicalização e na sua prevenção.

A expressão "lobo solitário" é a mais frequentemente empregue para designar o conceito, não obstante termos verificado a existência de um conjunto de estudos que discordam da sua utilização, alegando que procede à glorificação da imagem dos autores, considerando que na literatura se refere normalmente a um herói renegado que opera fora do âmbito legal executando o que considera necessário para o cumprimento da sua função (White, 2003; Jenkins, 2011; Borum, Fein, & Vossekuil, 2012, Gill, 2015).

Outros académicos, como por exemplo Hamm e Spaaij (2017), apesar de considerarem como pertinente a observação, mantêm a utilização da expressão “lobo solitário” nos seus estudos, argumentando que nunca se constituiu como um impedimento à resolução de problemas e é communente referida pelas forças e serviços de segurança, políticos e até pelos presidentes dos EUA.

Hamm e Spaaij identificam as seguintes expressões associadas ao termo: *"lone-actor terrorism"*; *"solo actor terrorism"*; *"single-actor terrorism"*; *"lone rat terrorism"*; *"solitary terrorism"*; *"freelance terrorism"*; *"self starter terrorism"*; *idiosyncratic terrorism"*; *"lone avenger terrorism"*; *"lone wolf actor terrorism"*; e, *"lone wolf pack terrorism"* (2017, p. 6).

E poderíamos ainda acrescentar: "*stray dogs*" (Jenkins, 2011); "*freelance Jihadists*" (Cashetta, 2017) ou "*Jihad zombies*" de Ganor (*apud* Charlaff, 2016), classificando desta forma os autores dos ataques praticados nos últimos anos em Israel naquela que é designada como estratégia de "resistência popular"⁴⁸ pela Autoridade Palestiniana e como terrorismo popular neste país.

Pantucci utiliza em dois artigos distintos as expressões "*lone wolf*" e "*lone-actor/solo terrorismo*", afirmando que as últimas são preferencialmente utilizadas pelas forças e serviços de segurança (Pantucci, 2011; Pantucci, Ellis, & Chaplais, 2015).

Tendencialmente, parece existir uma maior utilização da expressão *lone wolf* pelas autoridades oficiais e académicos no continente americano e da expressão *lone-actor* no continente europeu, o que se justificará pela tradição do fenómeno nos EUA. Nos meios de comunicação social, a expressão "lobo solitário" é a mais referenciada por jornalistas e comentadores, mesmo quando citam documentos com outras definições (Henriques, 2016).

Kaplan (1997) considera que "lobo solitário é um indivíduo ou pequeno grupo, coeso, que executa actos de violência contra o estado, actuando de forma independente de liderança ou qualquer rede de apoio".

Burton e Stewart (2008) concordam com a necessidade de definição do conceito, referindo que muitos actores utilizam-no de forma incorrecta e imprecisa. Numa formulação restritiva, afirmam que um "lobo solitário é um indivíduo que atua por sua própria iniciativa sem ordens ou ligações a uma organização" e distinguem-no de uma "célula adormecida que definem como um operativo que se infiltra numa sociedade alvo ou organização onde permanece adormecido, por vezes durante bastante tempo, até ser activado, em função de um sinal previamente definido ou por uma determinada cadeia de eventos" (2008, p. 1).

Bakker e Graff (2011) aditam que esta definição não integra a dimensão ideológica associada à motivação, referindo que esta designação devia incluir os actos políticos ou religiosamente motivados, excluindo todos aqueles praticados por outras razões (p. 44). Com base nesta interpretação, são excluídos todos os

⁴⁸ Resistência Popular é uma estratégia decidida na 6ª Conferência da Fatah em 2009 e reafirmada na 7ª Conferência de 2016.

actos praticados por indivíduos isolados num contexto de violência no trabalho⁴⁹ e os designados *school shooters* (Borum, Fein, & Vossekuil, 2012).

Verificámos que as análises de Kushner (1998); COT Report (2007); Burton & Stewart (2008); PET (2011); Spaaij (2010 e 2012); Borum, Fein, & Vossekuil (2012); McCauley, Moskalenko, & Son (2013), Fredholm (2016); Hamm & Spaaij (2017) utilizam definições restritivas do termo, limitando-o à existência de um único actor.

Outros investigadores como Hewitt (2003); Stern (2004); Pantucci (2011); Simon (2013); Gill, Horgan, & Deckert (2014); Gill (2015) defendem um conceito mais alargado que pode, no limite, integrar até um número de quatro indivíduos.

Num recente projecto da União Europeia, o *Counter Lone-Actor Terrorism* (CLAT) foi encontrada uma definição que procura de alguma forma sistematizar algumas das questões subjacentes na seguinte formulação:

“A ameaça ou uso da violência por um único actor (ou pequena célula), que não age por razões puramente pessoais ou materiais, com o objectivo de influenciar uma ampla audiência, que actua sem qualquer apoio directo no planeamento, preparação e execução do ataque e em que esta decisão não é ordenada por qualquer grupo ou terceiros (embora possa ser por eles inspirada) (Ellis, *et al.*, 2015, p. 3).

Os autores procederam à análise de 120 casos de terrorismo praticados por actores isolados na União Europeia, Noruega e Suíça, entre 2000 e 2014, e

⁴⁹ *Workplace violence* é uma tipificação criminal anglo-saxónica. Importará explicar que em determinadas condutas, a distinção entre crimes de natureza comum e crimes aos quais poderá estar associada uma motivação ideológica ou política extremista, não é imediatamente perceptível. Referimo-nos a crimes como a xenofobia, a liberdade de religião ou a autodeterminação individual, em que por vezes apenas na fase de investigação é possível aferir a existência de uma motivação política ou ideológica subjacente ao processo de identificação e selecção da vítima ou alvo e da consequente execução do crime. Embora o criminoso comum e o terrorista utilizem a violência como meio para atingir um determinado fim ou objectivo, a motivação subjacente é diferente. A acção do criminoso comum visa essencialmente uma satisfação material e egoísta, tendendo geralmente a violência utilizada a não ultrapassar o acto ou a sua vítima imediata, nem a transmitir qualquer mensagem ou influenciar a opinião pública. Para o terrorista, a violência visa um objectivo ideológico e político, normalmente associado a uma alteração do sistema (Hoffman, 2006). Os homicidas e os terroristas partilham muitas vezes tácticas e alvos idênticos, mas prosseguem objectivos diferentes. Enquanto o terrorista actua inegavelmente com um objectivo político, o homicida actua com motivações ou percepções pessoais e egocêntricas. Dois exemplos que ilustram especificamente este facto aludem à tentativa de homicídio do Presidente Reagan em 1981, por Robert Hinckley que pretendia impressionar a actriz Jodie Foster, a qual difere do homicídio do candidato presidencial Robert Kennedy em 1968, por Sirhan Sirhan que o odiava pelo seu apoio ao Estado de Israel (Hamm & Spaaij, 2017).

acordaram numa definição mais lata, visando possibilitar desta forma que outros possam utilizar a sua base de dados para a redefinição do conceito (Ellis, et al., 2015).

A legislação nacional é omissa quanto ao conceito, sendo a única referência encontrada ao assunto, a constante do anexo à Resolução do Conselho de Ministros 7-A/2015, de 20 de Fevereiro de 2015, que aprova Estratégia Nacional de Combate ao Terrorismo, a qual refere no ponto 4 relativo à adopção de um Plano de Acção de Prevenção da Radicalização e do Recrutamento para o Terrorismo “(...) o aparecimento dos designados “lobos solitários”, (...)”⁵⁰, sem que esta figura encontre qualquer definição no plano legal ou no próprio documento.

Utilizamos neste estudo a expressão actor isolado adaptada da expressão anglo saxónica *lone-actor* utilizada pela Europol. Para esta Agência da União Europeia, o conceito caracteriza-se como “um actor que opera individual e isoladamente, fora do contexto de uma organização ou associados. O terrorista *solo* refere-se a acções executadas individualmente, apoiadas ou activamente assistidas por uma organização” (EUROPOL, 2012, p. 9).

A expressão *lone-actor* é também a formulação utilizada no *Global Terrorism Index 2016*, caracterizando-a como “indivíduos que actuam isoladamente sem o apoio de uma organização” (Institute for Economics and Peace, 2016, p. 45). O mesmo relatório refere que não existem indicadores de idade, educação ou isolamento social que permitam identificar ou definir o perfil, acrescentando que a única característica identificada e que pode ser generalizada é o facto de serem quase exclusivamente do género masculino (Institute for Economics and Peace, 2016). Utilizando as mesmas fontes de dados dos estudos de Gill, Horgan, & Deckert, (2014) e Ellis, *et al.*, (2015), refere que a idade média destes actores é de 33 anos, relativamente superior à dos membros de grupos terroristas e que a prevalência de problemas de natureza mental é mais alta que na população geral, sendo de 35% contra 27% (Institute for Economics and Peace, 2016).

⁵⁰ Não existe um léxico comum de termos e conceitos associados ao fenómeno do terrorismo para as forças e serviços responsáveis pela segurança embora seja prática, na Polícia de Segurança Pública, a adopção da nomenclatura utilizada pela EUROPOL.

O Conselho da Europa adoptou a utilização da expressão “*terrorists acting alone*” por “motivos de clareza”, definindo-o “como um indivíduo que planeia ou executa um ataque sem depender de uma organização ou célula, não carecendo de orientação ou ajuda para executar esta acção” (CODEXTER; 2015, p. 3.). Este conceito pressupõe que pequenos grupos de terroristas, dois ou três, que possuam um relacionamento próximo ou uma ligação íntima, possam integrar a definição.

3.2 Estudos temáticos sobre actores isolados

Os actores isolados têm sido pouco estudados sendo que a generalidade das obras dedicadas ao estudo do terrorismo apenas abordam a questão na identificação de casos de estudo relacionados essencialmente com a extrema-direita supremacista ou referenciando a primeira vaga do terrorismo (Hamm, 2015).

Uma das razões que poderá explicar este facto é a prevalência do entendimento do terrorismo como uma actividade grupal e organizada, o que de alguma forma pode dirigir a atenção dos investigadores para as questões associadas às dinâmicas de grupo (Spaaij , 2010).

Os estudos específicos são ainda em número reduzido e utilizam fontes de dados, terminologia, e variáveis distintas, pelo que devemos ser cautelosos na sua análise. Por outro lado, o contexto norte-americano e europeu apresentam por razões históricas, sociais e culturais, variações relativamente à prevalência do fenómeno.

O primeiro estudo empírico que aborda o problema foi realizado por Hewitt (2003) e integra perto de 3,000 incidentes terroristas verificados entre 1955 e 1999. O autor utiliza dados do FBI, fontes abertas e dados oficiais sobre terrorismo e criminalidade (Hewitt, 2003).

Hewitt procedeu à identificação de 30 incidentes protagonizados por indivíduos não afiliados, atribuídos à extrema-direita racista, a extremistas islâmicos, a militantes dos movimentos negros e a antiaborcionistas. Afirma que “um número significativo de ataques foi executado por indivíduos sem qualquer afiliação em vez de membros de grupos organizados” (Hewitt, 2003, 78; *apud* Hamm, 2015).

Hewitt associou a incidência relativamente alta de indivíduos não afiliados nos EUA à estratégia da resistência sem líder adoptada pela extrema-direita racista e pelos movimentos antiaborcionistas. Esta visou contornar a resposta firme do FBI e de outras agências de aplicação da lei, a partir dos anos 80, no combate ao terrorismo doméstico (Hamm, 2015). Uma das conclusões de Hewitt, refere-se ao significativo aumento dos ataques por indivíduos não afiliados verificado entre 1978 e 1999 (Hewitt, 2003, p. 78).

Como opção metodológica, Hewitt (2003) considerou como grupo terrorista todas as associações com um número superior a quatro elementos, o que implica que todos os ataques perpetrados até ao máximo de três indivíduos sejam considerados como praticados por indivíduos não afiliados. Do ponto de vista da arguição, esta metodologia acaba por inflacionar o número de ataques perpetrados.

Spaaij (2012) é um dos autores que tem produzido mais contributos sobre o tema na actualidade. Para este investigador, o conceito de lobo solitário encontra-se definido como:

Violência política perpetrada por indivíduos que actuam individualmente; que não pertencem a um grupo ou rede organizada; que actuam sem influência directa de um líder ou hierarquia, e cujas tácticas e metodologia são concebidos e dirigidos individualmente sem qualquer comando ou orientação directa (COT, 2007; Spaaij, 2010; 2012).

Esta definição exclui os ataques praticados por duplas ou trios, por oposição ao que verificámos no estudo de Hewitt (2003). São também excluídos ataques como o perpetrado por McVeigh, por o autor considerar que apesar de ter sido executado por apenas um indivíduo, recorreu à cooperação de terceiros em fases relevantes do processo de planeamento e preparação do ataque.

Spaaij procede ainda à exclusão de todos os actos que não possuem motivação política, como os *school shootings*, actos de vingança pessoal, enriquecimento, fama, etc. (Spaaij, 2012; Hamm, 2015). No seu estudo de 2012, foram identificados 198 casos verificados entre 1940 e 2010, recorrendo o autor à informação constante de bases de dados oficiais corroborada com outras fontes. Do total de casos analisados, 113 ocorreram nos EUA. Os restantes 85,

verificaram-se na Europa, Canadá e Austrália, no período compreendido entre 1968 e 2010 (2012, p. 30).

Spaaij identificou uma associação a todas as ideologias e concluiu, tal como Hewitt (2003), que a popularidade da estratégia resistência sem líder é prevalente nos EUA (2012). Afirma que se verificou um incremento da actividade dos lobos solitários em todos os países analisados no período compreendido entre 1970 e 2000. Resulta ainda desta investigação que “não existe um perfil tipo associado aos lobos solitários” (Spaaij, 2012, p. 99) e que os processos de radicalização “são influenciados por uma combinação de factores e motivações” (Spaaij, 2012, p. 99). Spaaij concluiu que o processo de radicalização não ocorre num vácuo social e que os lobos solitários comunicam com terceiros de forma verbal ou escrita, muitas vezes anunciando previamente as suas intenções⁵¹ (2012). A análise de Spaaij (2012) “demonstra um aumento de ataques inspirados por esta ideologia (Jihadista), possivelmente como resultado dos apelos dos ideólogos da al-Qaeda à Jihad individual” (Hamm, 2015, p. 13).

Pantucci (2011) opta por não utilizar uma base de dados quantitativa, efectuando uma análise dos indivíduos com ligações ao terrorismo Jihadista na Europa e na América do norte, visando definir tipologias e categorizar o fenómeno. Para Pantucci, os lobos solitários são “indivíduos que apesar de aparentarem actuar individualmente e sem qualquer direcção externa, demonstram possuir algum tipo de contacto com operacionais extremistas” (2011, p. 19). A definição inclui os contactos estabelecidos pela Internet. Tal como Spaaij (2010, 2012), atribui igualmente o reduzido número de estudos sobre o tema, “ao entendimento do terrorismo enquanto actividade grupal” (Pantucci, 2011, p. 4) e ao “cepticismo manifestado pelas autoridades judiciais de alguns países nas condenações individuais pelo crime de terrorismo” (2011, p. 5). Pantucci afirma que estes indivíduos são persuadidos pelas justificações da violência relacionada com eventos globais, associada a factores de natureza pessoal que os tornam receptivos a estas narrativas e que procuram o refúgio numa ideologia extremista, cuja aprendizagem ocorre na maior parte dos casos de forma autodidacta mas que pode ser reforçada pelo contacto com outros extremistas pela Internet

⁵¹ Conceito anglo-saxónico de *leakage*.

(Pantucci, 2011; Hamm, 2015). A análise de Pantucci demonstra igualmente que a resistência sem líder não deve ser vista apenas no contexto da extrema-direita dos EUA, onde é prevalente, dando nota que, desde 2010, a al-Qaeda da Península Arábica tem apelado, na revista *Inspire*, à prática da *Jihad* individual (Hamm, 2015). Pantucci define quatro categoriais associadas aos lobos solitários: *loner*, *lone wolf*, *lone wolf pack* e *lone attackers*, (Pantucci, 2011) associadas ao número de indivíduos e ligações entre eles.

Gill (2015) realizou um estudo, com um conjunto de 111 indivíduos que executaram ou tentaram executar actos isolados de terrorismo na Europa e EUA, entre 1990 e 2014, e que foram condenados em resultado de ataques ou não sobreviveram à execução da acção terrorista. Apenas são considerados indivíduos que actuaram isoladamente, independentemente de terem obtido inspiração ou motivação de terceiros. O foco do estudo baseia-se na identificação de aspectos comportamentais, evitando utilizar a expressão lobos solitários que o autor considera não ser a mais adequada para definir o fenómeno.

Com base na análise, Gill concluiu o seguinte: i) não existe um perfil tipo de actor isolado; ii) a actuação dos actores isolados baseia-se na motivação, oportunidade e capacidade, afirmando que perante este facto nos devemos focar *no que fazem e não em quem são*; iii) os actores isolados anunciam as suas intenções a terceiros e que o isolamento resulta de tentativas anteriores falhadas de integração nos seus contextos ideológicos; iv) a Internet não possui um papel preponderante no aumento do número de ataques por actores isolados (que se mantém estável entre 5 a 11 por ano) mas moldou os comportamentos pré-ataque; v) 41% dos indivíduos analisados possuíam problemas mentais; vi) não é possível analisar os actores isolados de forma homogénea e existindo distinções entre os diversos tipos e as suas características e comportamentos (Gill, 2015).

Becker (2014) produziu um estudo em que se dedica a analisar a selecção de alvos por parte dos lobos solitários nos EUA. Partindo dos trabalhos anteriores de Bakker e de Graff (2010), Becker refere-se às dificuldades das técnicas tradicionais das forças e serviços de segurança na prevenção do fenómeno. Para Becker, o terrorismo praticado por um lobo solitário “é a ameaça de ou a violência perpetrada por um indivíduo ideologicamente motivado, que planeia e executa um ataque sem qualquer ligação a qualquer outro indivíduo ou grupo” (2014, p. 960). A selecção é determinada segundo este autor pela ideologia e pela reduzida

capacidade que se torna limitadora na escolha das táticas e dos próprios alvos, geralmente de natureza civil (Becker, 2014).

Do ponto de vista do sucesso operacional, os ataques perpetrados por lobos solitários são tendencialmente mais limitados que os praticados por uma organização, tendo como pressuposto que possuem uma menor capacidade para aquisição dos meios e para o desenvolvimento de todas as actividades tendentes à execução de um ataque (Becker, 2014).

Com base nos dados de Hamm; Spaaij e Hewitt, Becker (2014) analisou 84 casos de ataques e tentativas verificados nos EUA entre 1940 e 2012, verificando que 60% correspondiam a alvos civis, 37% a alvos governamentais e 7% a alvos militares. O estudo permitiu igualmente concluir que os alvos foram escolhidos logicamente em razão da ideologia professada, o que de certa forma não confirma a evidência de problemas mentais ou psicológicos por parte dos autores (Becker, 2014). Outra nota importante é que os ataques parecem inserir-se nos períodos correspondentes às vagas definidas para as diversas ideologias (Becker, 2014). Becker conclui que cerca de 60% dos ataques ocorre em áreas que lhes são familiares, não obstante possuírem uma relação com a sua ideologia (Becker, 2014). Verifica-se a utilização prevalente das armas de fogo por actores isolados por oposição aos grupos terroristas, que utilizam os engenhos explosivos como meio preferencial de actuação (Becker, 2014).

A *National Security Critical Issue Task Force* (NSCITF) da Universidade de *Georgetown* publicou um relatório de análise elaborado a partir das bases de dados de Spaaij (2012) e Hamm (2015), no período compreendido entre 1950 e 2009. O estudo incorpora dados de ataques nos EUA e em catorze países ocidentais. A designação utilizada é a de lobo solitário, e com base no tratamento da informação são efectuadas oito observações relativamente ao fenómeno (Alfaro-Gonzalez, et al., 2015).

A primeira observação refere-se ao facto de não existir uma definição consensual do termo nem uniformidade do conteúdo. Os autores definem o lobo solitário como:

a deliberada criação e exploração do medo através da violência ou da sua ameaça cometida por um único actor que persegue uma alteração política, relacionada com uma ideologia, própria ou associada a uma

organização, e que não recebe ordens, direcção ou apoio material de fontes externas (Alfaro-Gonzalez, et al., 2015 p. 9).

Nesta definição, relevam a existência de violência ou a ameaça e a motivação política. A ausência de uma actuação individual pressupõe a prática de uma actividade por um grupo ou organização terrorista, não se enquadrando no objecto de análise (Alfaro-Gonzalez, et al., 2015). Neste sentido, a definição é obviamente restritiva.

A segunda observação reporta-se à frequência dos ataques, considerados como raros, e em que são sublinhadas quatro tendências importantes: i) incremento dos ataques dirigidos contra elementos das forças de segurança e militares; ii) incremento da utilização de armas de fogo nos EUA relativamente aos outros países ocidentais; iii) incremento da radicalização na Internet; locais de trabalho e mídia extremistas; e iv) proclamação da ideologia individual em detrimento da reivindicação da associação a organizações extremistas específicas (Alfaro-Gonzalez, et al., 2015).

A terceira observação conclui que não é possível definir um perfil de lobo solitário e que as tentativas nesse sentido podem provocar um ressentimento das comunidades contra os elementos das forças de segurança. Da análise resulta ainda que 54% dos 119 indivíduos norte-americanos possuíam frequência universitária, sendo 13% licenciados e 8% doutorados. Dos restantes, 25% tinham completado a frequência do ensino secundário. Os ambientes socioeconómicos eram diversos mas 40% eram desempregados (Alfaro-Gonzalez, et al., 2015).

A quarta observação refere que os lobos solitários seguem um percurso similar de mobilização e radicalização que os indivíduos afectos a um grupo ou organização. A opção para actuar individualmente ou em grupo é baseada nas suas competências pessoais e autonomia ideológica (Alfaro-Gonzalez, et al., 2015).

A quinta observação remete para o facto de que as tipologias definidas noutros estudos não conseguem justificar a actuação destes lobos solitários, tornando-se necessário definir um novo modelo enquadrador (Alfaro-Gonzalez, et al., 2015).

A sexta observação traduz-se na dificuldade de identificação do fenómeno com base nas tradicionais ferramentas e tácticas das forças de segurança,

normalmente relacionadas com a obtenção de dados por via de relatórios de identificação de actividade suspeitas. Considerando que normalmente os mais próximos são os primeiros a identificar alterações comportamentais, os autores defendem um maior envolvimento das forças de segurança com as comunidades, escolas e grupos religiosos, salientando a importância do reporte atempado⁵². Em 63% dos casos, a família e os amigos mais próximos tinham conhecimento das suas intenções (Gill, Horgan, & Deckert, 2014; Alfaro-Gonzalez, et al., 2015). O estudo aponta igualmente para a necessidade de utilização de fontes humanas e para a monitorização das plataformas sociais e dos históricos de pesquisas na Internet. Acrescenta que a Internet substituiu o contacto pessoal nos processos de radicalização e que permitiu uma maior disponibilidade de conteúdos extremistas em linha, sublinhando o alcance global da veiculação das ideologias e mensagens por parte das organizações terroristas (Alfaro-Gonzalez, et al., 2015). Como se refere na análise, “(...) numa perspectiva histórica do terrorismo, a Internet é provavelmente a inovação tecnológica mais importante depois da dinamite sendo extremamente difícil de lidar com todos os seus aspectos” (Alfaro-Gonzalez, et al., 2015).

A sétima observação salienta que as respostas das forças de segurança podem provocar a desconfiança nas comunidades fazendo referência às denominadas *sting operations*⁵³ e a outras formas de limitação dos direitos liberdades e garantias dos cidadãos (Alfaro-Gonzalez, et al., 2015).

A última observação remete para a necessidade de uma abordagem intergovernamental do problema que permita lutar contra o fenómeno (Alfaro-Gonzalez, et al., 2015).

Num outro estudo recente, Hamm e Spaaij (2017) identificaram 123 casos de lobos solitários nos EUA, entre 1940 e 2016. Os autores identificaram vinte e uma variáveis de análise para os objectos de estudo (2017, p. 24). A definição do conceito é a utilizada por ambos nos estudos anteriores⁵⁴ e possui uma natureza restritiva (Hamm, 2015; COT, 2007; Spaaij, 2010; Spaaij, 2012).

Da análise do estudo é possível concluir que: i) após 11 de Setembro 2001, as armas de fogo automáticas substituíram os engenhos explosivos

⁵² Nossa tradução de *Early Reporting*.

⁵³ Operações provocadas ou induzidas.

⁵⁴ Anteriormente referida.

enquanto meio de actuação preferencial; ii) os alvos principais dos ataques são elementos das forças policiais e militares em detrimento de civis; iii) 1/3 dos casos são inspirados em ataques similares anteriores; iv) a idade dos autores decresceu; v) de uma forma geral, são caucasianos, desempregados, de áreas urbanas e com antecedentes criminais; vi) o fenómeno é essencialmente masculino; vii) 40% dos autores apresentavam problemas mentais; viii) combinam injustiças pessoais e profissionais; ix) a imersão em subculturas guerreiras é um elemento crucial na carreira de um lobo solitário; x) geralmente anunciam previamente os ataques; xi) são sancionados por terceiros no que respeita à inspiração ideológica e assistência inconsciente, e; xii) são catalizados por um evento despoletador⁵⁵ (Hamm & Spaaij, 2017). Hamm e Spaaij, referem-se às tentativas para explicar os processos de radicalização com a expressão do personagem Swede Levov no livro Pastoral Americana de Philip Roth, o qual durante um longo período da sua vida tenta encontrar uma razão lógica, justificativa e racional para a execução de um acto violento pela filha Merry do qual resulta uma vítima mortal. Swede refere que “por vezes não há motivos, os motivos estão nos livros” (Hamm & Spaaij, 2017, p. x).

A interacção que estes possuem com outros indivíduos ou grupos é igualmente alvo de discussão. Os serviços de segurança dinamarqueses referiram, em 2011, ser expectável um aumento do número de ataques por parte de actores isolados, motivados ou inspirados com base no treino eventualmente obtido, na frequência e contactos em círculos radicais e na disponibilidade manifestada para a deslocação para outros palcos com finalidade de perpetrar ataques terroristas (PET, 2011). Para este Serviço de Segurança, um lobo solitário é um indivíduo que actua por sua iniciativa e não possui qualquer contacto com organizações terroristas. Por outro lado, o terrorista solo pode ser inspirado ou motivado por uma organização ou terceiros, com quem teve ou possui contactos, apesar de actuar de forma individual (PET, 2011).

Fredholm (2016) salienta que é difícil efectuar uma distinção entre um indivíduo isolado que opera por sua exclusiva iniciativa: i) sem qualquer ligação a uma organização terrorista; ou, ii) em apoio a uma determinada organização

⁵⁵ Nossa tradução de *triggering event*.

terrorista (inspirado); ou, iii) controlado e apoiado, por uma organização terrorista (dirigido).

Kaplan, Lööw, e Malkki (2015) e Fredholm (2016) fazem notar que apesar da percepção popular sobre o fenómeno, estes actores não se encontram efectivamente isolados porque, na sua maioria, interagem virtualmente com terceiros ou com comunidades virtuais do seu espectro ideológico. Como referem, as modernas comunicações tecnológicas são *de facto* tecnologias que possibilitam comunicar com outros (Kaplan, Lööw, & Malkki, 2015). Os autores salientam que “a Internet e as redes sociais permitiram a comunicação de uma forma e com um alcance que não era anteriormente possível” (Kaplan, Lööw, & Malkki, 2015 p. 2) acrescentando que “no mundo globalizado os poderes de um indivíduo para realização do bem ou mal cresceram exponencialmente e que estes terroristas solitários são essencialmente a manifestação do *super-habilitado homem enfurecido*, dificilmente detectável, mas capaz de provocar danos elevados” (Kaplan, Lööw, & Malkki, 2015, p. 2).

Sageman (2008) foi um dos primeiros autores a referir-se à importância da Internet e do seu impacto na actividade dos grupos terroristas Jihadistas considerando o ambiente hostil em que alguns indivíduos se movimentavam na Europa, especialmente, após 2004. Até esta data, a maior parte das redes funcionavam por interacção directa entre os diferentes indivíduos em espaços físicos perto de mesquitas, lojas *halal*, cafés, associações e locais similares. Com o desenvolvimento da Internet na Europa, verificou-se uma maior mobilização dos jovens que diminuíram a sua presença e participação nos espaços físicos em detrimento do meio virtual. Paralelamente passou a existir uma menor segregação de sexos e a consequente participação feminina em discussões temáticas. A Internet potenciou o igualitarismo na comunidade virtual entre líderes e apoiantes. Permitiu a validação dos pontos de vista por círculos de afinidade que se mantêm enquanto se revêem nas posições e exemplo dos seus pares (Sageman, 2008). Este autor acrescenta que “(...) a Internet pode encorajar outros casos especiais, os solitários. Estes, são apenas solitários *off-line*. A maior parte, fazem parte de fóruns, onde partilham os seus planos e são encorajados em *chat rooms* a executá-los” (2008, p. 122).

Num estudo recente sobre a selecção de alvos na Europa por parte de militantes islamistas entre 1994 e 2016, Hemmingby (2017) refere que nem

sempre é fácil efectuar a distinção entre actor isolado e grupos de actores porque estes contactam com outros indivíduos ou grupos. Face a esta dificuldade, efectuou uma opção metodológica de analisar os casos perpetrados por um único actor. Da análise dos 70 ataques que constituíram a amostra, 45 foram perpetrados por um único atacante e os restantes 25 por vários actores. Concluiu que os grupos são mais ambiciosos do que os actores isolados na perpetração de ataques que resultam num número elevado de vítimas. Os actores isolados privilegiam os ataques discriminados (Hemmingby, 2017).

A utilização de armas de fogo é prevalente nos ataques individuais e os explosivos são preferencialmente utilizados pelos grupos. A utilização de armas brancas e veículos é privilegiada pelos actores individuais (Hemmingby, 2017).

O estudo também revelou que os militantes islamistas são mais convencionais e adaptativos do que inovadores, no que respeita à selecção de alvos. Outras das conclusões apresentadas refere que as células executantes possuem alguma liberdade na selecção final dos alvos e que não existem diferenças substanciais na selecção de alvos entre a al-Qaeda e o Estado Islâmico (Hemmingby, 2017).

O recurso a medidas protectivas mais restritivas em edifícios simbólicos ou governamentais, aparenta funcionar uma vez que se verifica não serem os alvos preferencialmente seleccionados pelos terroristas. O autor considera que o maior desafio é constituído pelos espaços públicos e pelo sistema de transportes (Hemmingby, 2017). Para mitigar esta vulnerabilidade, sugere a criação de barreiras físicas nos espaços públicos para impedimento de ataques com recurso a viaturas e a promoção de uma presença mais numerosa de patrulhas policiais que possuam uma capacidade de resposta mais elevada. Sugere igualmente a criação de equipas móveis de resposta imediata aos ataques.

Na sequência dos recentes incidentes no Reino Unido, apurou-se que o tempo de resposta é de cerca de oito minutos (Hastings, 2017). As forças policiais estão a adaptar-se à utilização de viaturas em ataques terroristas, efectuando a formação de tiro com a utilização de munições mais penetrantes e o treino dos disparos através dos vidros de viaturas (Gayle, 2017).

Nos transportes públicos para além da atenção às possíveis ameaças internas, as áreas de *check-in* e bilheteiras devem ser objecto de atenção particular. Defende o lançamento de campanhas de informação para detectar

comportamentos anormais, especialmente importantes nos casos dos actores isolados. Salaria que estes denunciam muitas vezes as suas intenções junto das pessoas que lhes são mais próximas (Hemmingby, 2017).

3.3 Actores não tão isolados

Num artigo recente, publicado na revista *Foreign Policy*, os autores referem que o Estado Islâmico não foi responsável pelo incremento dos ataques perpetrados por actores isolados, mas que a manipulação das modernas tecnologias terminou com a tendência para este tipo de actuação. A forma revolucionária de recrutamento, radicalização e mobilização deste grupo, permite que os indivíduos que demonstram uma abertura cognitiva para aderir aos ideais do movimento se considerem pertencentes “(...) a uma comunidade, de algo maior que eles próprios e de facto, como fazendo parte da história – tudo menos sozinhos” (Easterly & Geltzer, 2017). Gursky (2017), referindo-se ao actual contexto securitário, alerta para o facto que podemos estar a assistir a uma *ummahification* do conflito, no sentido em que os grupos jihadistas tentam transformar a sua visão extremista numa guerra entre o ocidente e o Islão.

Num estudo sobre o Califado virtual, Winter identificou seis narrativas tipo do grupo Estado Islâmico: brutalidade, misericórdia, vitimização, guerra, pertença e utopia. O autor refere que a pertença “(...) se trata de uma das mais poderosas armas de recrutamento, particularmente no Ocidente. Através da publicação regular de vídeos e reportagens fotográficas de combatentes em actividades recreativas, os propagandistas enfatizam a ideia de irmandade no Califado” (2015, p. 27).

Neste sentido o Estado Islâmico, oferece uma oportunidade a todos os que se sentem isolados para actuarem enquanto membros de uma comunidade. (Easterly & Geltzer, 2017).

Callimachi (2017) documentou este tipo de comunidade virtual alargada num artigo para o *New York Times*, intitulado *Not Lone Wolves after all: How ISIS Guide’s Terror Plot’s From Afar* relativo à rede de simpatizantes e recrutas do Estado Islâmico onde se refere a existência de uma comunidade virtual e de ataques dirigidos por via de mensagens encriptadas. Outros grupos terroristas como a al-Qaeda e a sua afiliada no Líbano, começaram também a explorar de

igual forma as modernas tecnologias, oferecendo a todos aqueles que se sentem sós um sentido de comunidade, pertença e inspiração que garante a execução dos propósitos e objectivos do grupo (Easterly & Geltzer, 2017).

Cashetta (2017) afirma que os jihadistas nunca foram de facto actores isolados, uma vez que na maior parte dos casos recentes foram descobertas pelas autoridades, ligações após os ataques, ao Estado Islâmico, al-Qaeda ou a outras organizações terroristas. A análise das redes sociais e correio electrónico permite demonstrar que estes fazem parte de uma rede dirigida por parte de ideólogos nas organizações terroristas (Cashetta, 2017). Mencionando uma análise efectuada pelo *Counter Extremism Project*, Cashetta refere que foram realizados 34 ataques com veículos desde 2006, os quais provocaram 194 vítimas mortais e ferimentos em 1049 (2017). Este autor defende que em vez de procurar e combater os actores isolados, devemos lutar contra a ideologia que os cria (Cashetta, 2017).

3.4 Theodore Kaczynski, Eric Rudolph, Anders Breivik e Timothy McVeigh

Considerando os conceitos e estudos explorados nos pontos anteriores, optamos por efectuar uma breve referência a três indivíduos que, no nosso entender, enquadram a definição restrita do conceito de actor isolado, Theodore Kaczynski, Eric Rudolph e Anders Breivik. Optámos por incluir também como elemento comparativo Timothy McVeigh que, apesar de não integrar a definição restrita, é referido em alguns estudos como actor isolado.

As nossas opções foram efectuadas com base nas seguintes premissas: distanciamento temporal, consolidação da informação relativa aos objectos de estudo (autores e eventos) e disponibilidade bibliográfica.

Theodore Kaczynski, o *Unabomber*, assim designado em razão dos alvos por si escolhidos⁵⁶, foi responsável pela colocação e o envio de encomendas contendo engenhos explosivos improvisados, para um conjunto de vítimas associadas ao meio universitário, desenvolvimento de tecnologia e companhias aéreas no período compreendido entre 1978 e 1995, dos quais resultaram 3 mortos e 16 feridos (Douglas & Olshaker, 1999; Turchie & Puckett, 2007).

⁵⁶ *Universities and Airlines.*

Kaczynski era um brilhante professor universitário de matemática, tendo abandonado a actividade que desenvolvia na Universidade de Berkeley, para adoptar um modo de vida solitária e eremita, dedicando-se à construção e aperfeiçoamento de engenhos explosivos improvisados e à elaboração de textos contra a prevalência da tecnologia no mundo contemporâneo (Turchie & Puckett, 2007). Considerava que a sociedade limitava as liberdades individuais devido à evolução tecnológica, ao consumismo, à socialização excessiva, ao governo às empresas. Defendeu que "a revolução tecnológica da sociedade não pode ser promovida diminuindo progressivamente a esfera da liberdade humana"⁵⁷.

Em 1995, informou as autoridades que suspenderia a actividade se fosse publicado um Manifesto por si elaborado. Foi detido por uma *Task Force* de várias agências governamentais na sequência da identificação da sua expressão escrita pelo seu irmão, nos textos publicados na imprensa (Turchie & Puckett, 2007).

Diagnosticado como paranóico e esquizofrénico, Kaczynski afirmou não pretender ser julgado com base no seu estado mental e compareceu perante o júri como mentalmente competente. Em 1998 foi considerado culpado da prática de 13 crimes e sentenciado a prisão perpétua, em isolamento, compartilhando a mesma ala da prisão com Rudolph e McVeigh, até à execução deste em 2001 (Turchie & Puckett, 2007; Martin, 2010).

Segundo afirma Law (2009), o seu exemplo é paradigmático na história do terrorismo porque demonstrou que um indivíduo determinado, actuando de forma isolada podia com recurso a materiais primitivos provocar danos e gerar um sentimento de insegurança generalizado durante um longo período de tempo, obrigando, desta forma, o Estado a afectar um conjunto de recursos substanciais para efectuar a sua detenção. Por outro lado, o seu caso demonstra que os terroristas são por vezes vítimas da mesma publicidade que procuram (Law, 2009).

Eric Rudolph foi responsável pela colocação de vários engenhos explosivos improvisados nos EUA, no período compreendido entre 1996 e 1998, entre os quais se incluem clínicas onde se praticava a interrupção voluntária da gravidez, num bar frequentado por homossexuais e no Parque *Centennial*,

⁵⁷Nossa tradução de "*Industrial-technological society cannot be reformed in such a way as to prevent it from progressively narrowing the sphere of human freedom*", *Unabomber Manifesto*, 1995.

durante os Jogos Olímpicos de Atlanta. Possuiu breves afiliações ao movimento de extrema-direita antiaborcionista *Army of God* e às milícias⁵⁸ (Martin, 2010). Viveu dezoito meses em isolamento completo nas montanhas Apalaches, tendo sido detido em 2003, após ter sido interceptado pela polícia, junto aos caixotes do lixo de uma loja de conveniência (Vollers, 2007; Martin, 2011).

Em 22 de Julho de 2011, Anders Breivik, abandonou uma viatura contendo no interior um engenho explosivo improvisado junto a edifícios governamentais noruegueses, provocando oito vítimas. Posteriormente deslocou-se para a ilha de *Utoya* e utilizando várias armas de fogo automáticas disparou sobre os participantes numa convenção do Partido Trabalhista, provocando 69 vítimas mortais e 272 feridos. Horas antes do ataque, publicou em vários sítios na Internet um manifesto com 1518 páginas, intitulado "*2083: An European Declaration of Independence*" que foi enviado para cerca de 8.000 endereços de correio electrónico, como justificação para a sua acção (Pantucci, 2011; Forrest, 2015; Turentini, 2015).

Breivik assume-se como um extremista de direita, racista e nacionalista, antimuçulmano, considerando-se traído pelos seus líderes políticos. Numa declaração em 2012, afirmou ter "realizado o mais espectacular e sofisticado ataque na Europa desde a segunda guerra mundial" (Post, 2012). Afirmou igualmente que a sua principal intenção era atrair atenção para o seu manifesto e que voltaria a realizar o mesmo ato. Encarou como legítima a sentença aplicada de 21 anos de prisão tendo na sua declaração final perante o tribunal afirmado que lamentava *apenas* ter provocado 77 vítimas. As avaliações psiquiátricas consideraram-no criminalmente imputável (Forrest, 2015; Turentini, 2015).

Apesar de ser um ávido utilizador da Internet, Breivik não efectuou qualquer referência na sua declaração ao modelo de resistência sem líder de Louis Beam e Ulius Amoss, facto que de alguma forma não deixa de ser estranho, considerando o contexto ideológico que partilhava (Pantucci, 2011).

Breivik, demonstrou ser meticuloso no planeamento das acções e após ter decidido executar estes actos, preparou histórias de cobertura para as suas acções preparatórias. Apenas uma aquisição de químicos na Polónia levantou

⁵⁸Movimentos organizados de cidadãos armados que normalmente adoptam posturas antigovernamentais, particularmente no que respeita ao possível controlo federal da utilização de armas de fogo e que subscrevem teorias da conspiração. Constituem-se como o braço armado do movimento Patriota (Martin, 2010).

alguma suspeição mas não tendo existido outras evidências para a prossecução da investigação, a pista foi abandonada pelos serviços de inteligência noruegueses. Breivik optou por se fornecer no mercado norueguês de forma legítima, apesar de ter efectuado uma deslocação à Sérvia para uma possível aquisição de armamento. Breivik recorreu à utilização da Internet para estabelecer actividades de aquisição e financiamento no âmbito do modelo do comércio electrónico (Pantucci, 2011).

Na figura seguinte, podemos observar um pequeno quadro comparativo entre Kaczynski, Rudolph e Breivik que preenchem a definição restrita do conceito de actor isolado conforme verificamos no ponto anterior.

	Timothy McVeigh	Theodore Kaczynski	Eric Rudolph	Anders Breivik
Quadro Ideológico	Extrema-direita, Racista e supremacista, Antigovernamental.	Anarquista Própria Anti tecnologia, Anti consumista, e anti-social.	Causa específica e Extrema-direita Antigovernamental, Antiaborcionista Homofóbico	Própria Extrema-direita Antigovernamental Antimuçulmano
Afiliação	Sem afiliação formal	Sem afiliação	Sem afiliação formal	Sem afiliação
Isolamento social	Amigos	Isolado/eremita	Isolado	Isolado ou com a mãe
Estado mental	Não apresentava sinais de alteração do estado mental.	Histórico de alterações do estado mental. Paranóico esquizofrénico.	Não apresentava sinais de alteração do estado mental.	Não apresentava sinais de alteração do estado mental. Possivelmente Paranóico esquizofrénico.
Tipologia da acção	Ataque único utilizando viatura contendo EEI	Vários ataques num período de 16 anos. EEI	Vários ataques num período de 3 anos. EEI	Dois ataques consecutivos EEI e ataque com armas de fogo
Planeamento e execução	Planeamento e execução sofisticada.	Sofisticação crescente dos engenhos utilizados.	Mesma tipologia de engenho	Planeamento e execução sofisticada
Pós-execução	Pouco sofisticada	Sofisticada	Sofisticada	Pouco sofisticada
Publicações	Não publicou, mas enviou vários textos à sua irmã.	Manifesto	Não publicou	Manifesto
Antecedentes criminais	Não possuía	Não possuía	Não possuía	Não possuía
Tipologia da definição	Não restritiva Apoio de terceiros	Restritiva Individual	Restritiva Individual	Restritiva Individual
Local	EUA	EUA	EUA	Noruega
Idade	27	36-53	29	33

Fig. 1 - Quadro comparativo: McVeight, Kaczynski, Rudolph e Breivik

Conforme indicam os estudos citados anteriormente, não é possível identificar qualquer perfil tipo com base nos indicadores utilizados. Verifica-se a existência pontual de algumas características comuns, mas não poderão ser utilizadas para determinar um perfil. Não obstante, muitas das características são corroboradas pelos estudos citados anteriormente tais como: presença de factores de natureza mental, isolamento social, conhecimento das possíveis intenções por parte de familiares, idade, a não afiliação a grupos.

Salientamos que este tipo de autores poderá diferir dos actuais militantes islamistas, que em muitos dos casos são inicialmente apresentados como actores isolados, mas em que posteriormente se verifica possuírem ligações a redes e grupos organizados (Gursky, , 2016; Cashetta, 2017).

Kaczinsky acreditava que a indústria e tecnologias modernas destruíam a raça humana; McVeigh considerava-se um patriota, mas afirmava que o governo devia ser derrubado; Rudolph afirmava que os burocratas sem fé em *Washington* apoiavam a interrupção voluntária da gravidez e os direitos homossexuais destruindo a América; e Breivik declarou ter sido traído pelas políticas sociais e multiculturais do governo norueguês.

Kaczinsky, Rudolph, McVeigh e Breivik não possuíam antecedentes criminais ou afiliação a qualquer grupo no momento da perpetração dos ataques mas tinham uma firme convicção em ideologias extremistas.

Procuraram a notoriedade *forçando os outros* a reconhecer os seus actos, independentemente do número de vítimas, não manifestando qualquer remorso quanto a esse facto.

McVeigh afirmou em tribunal que "existem sempre danos colaterais na prossecução de um objectivo" justificando desta forma a morte de 19 crianças que se encontravam no infantário localizado no primeiro piso do edifício (Turentini, 2015).

3.5 Uma definição de actor isolado

Como temos vindo a ensaiar ao longo deste estudo, acompanhamos a posição dos autores com uma visão mais conservadora e restritiva do conceito de actor isolado e, nessa senda, consideramos importante e útil finalizar com uma tentativa de aportar para a doutrina vigente a nossa própria proposta de conceito

de actor isolado no âmbito de terrorismo: *Violência ideologicamente motivada, praticada por um indivíduo não afiliado e independente, que atua por sua exclusiva iniciativa utilizando táticas e modus operandi concebidos sem recurso à colaboração de terceiros.*

De entre as inúmeras vantagens de definir conceitos na área do pensamento crítico e da produção de inteligência, há nesta temática particular uma vantagem específica em manter um conceito bem definido e estruturado: a sua capacidade operativa, que contribuirá para a prevenção e combate ao fenómeno.

Tal conceito pode assim ser desdobrado em variáveis que, por sua vez, podem ser aferidas através de indicadores e, com isso, ambicionar construir uma abordagem que permitisse:

- i) numa perspectiva de gestão do risco, categorizar em diferentes níveis de risco os indivíduos com a indicação de potenciais actores isolados e sob os quais recaíssem suspeitas e, conseqüentemente, afectar às missões de vigilância e monitorização desses indivíduos os recursos de que dispõem as forças e serviços de segurança de forma racional e eficiente;
- ii) uma avaliação periódica e dinâmica dos referidos indivíduos, em apoio à decisão para a adopção de determinadas acções concretas (meios mais invasivos de vigilância/obtenção de prova, detenção, etc.) em cada momento;
- iii) direccionar de forma mais estruturada as análises retrospectivas em relação a todas as acções levadas a cabo por actores isolados, testando a robustez do conceito e, ao mesmo tempo, abrindo novas linhas de investigação académica/científica sempre que se justificasse.

Em matéria de análise e avaliação do risco a definição correcta do conceito seria o ponto de partida para que, em trabalhos futuros, fosse possível definir um modelo direccionado especificamente para a prevenção e combate a ataques em que estivessem envolvidos este tipo de actores.

Se uma das críticas a que as forças e serviços de segurança estiveram sujeitos em muitos dos ataques passíveis de se enquadrarem nesta tipologia (actores isolados) foi a de que em relação a alguns deles já existiriam indícios

disponíveis, a resposta de que esta modalidade de acção acarreta um certo grau de inevitabilidade e absoluta imprevisibilidade face à indisponibilidade de recursos disponíveis para monitorizar todos os indivíduos sinalizados, então revela-se como imperiosa a necessidade de adoptar um modelo de trabalho que permita gerir e tratar o risco, assente num conceito claramente definido.

Refira-se, por último, e a este propósito que além desta vertente mais direccionada para a produção e gestão de inteligência, a definição do conceito também é fundamental numa vertente policial para o treino e formação dos agentes policiais empenhados em missões de prevenção e recolha de informação, designadamente através do policiamento de proximidade, em que o contacto com a comunidade pressupõe e estimula a pedagogia da participação cívica como instrumento fundamental na gestão da segurança pública.

Conclusões

A evolução do terrorismo num mundo em constante mutação é pouco previsível, sendo certo que continuará a constituir-se como um desafio à segurança internacional nos próximos anos.

Apesar do esforço efectuado ao nível da harmonização legislativa, especialmente ao nível da União Europeia, o conceito de terrorismo continua a ser subjectivo e político.

De acordo com estudos e análises sobre o fenómeno, não existem arquétipos estáticos relativos às estruturas das organizações terroristas, as quais são resilientes e adaptativas e onde tendencialmente se verifica uma evolução temporal. A longevidade, ideologia e agenda, contribuem para a definição de um modelo.

Com o tempo, as organizações evoluíram para estruturas mais planas e fluídas, caracterizando-se em alguns casos pela descentralização e ligação a grupos dispersos. Neste contexto, foram adoptadas estratégias que advogam modelos especialmente descentralizados em que indivíduos ou pequenas células são motivados pelos objectivos gerais dos grupos, mas não estão coordenados ou em comunicação directa.

A evolução tecnológica facilitou a criação de células autónomas, por vezes constituídas por apenas um indivíduo, que de forma anónima, partilham a informação e reforçam as ideologias nas redes sociais e Internet.

Esta dissertação é resultado da actualidade do tema do terrorismo no contexto securitário internacional e, em particular, da actuação de indivíduos que cometem atentados de forma isolada. Como fizemos referência, a actuação de actores isolados é tão antiga quanto o próprio terrorismo. Em todas as vagas do terrorismo moderno e em praticamente todos os quadros ideológicos, com maior ou menor prevalência, verificámos a ocorrência de actos terroristas perpetrados por indivíduos sem qualquer afiliação formal a grupos ou organizações.

Tal como acontece com a definição de terrorismo, não existe unanimidade relativamente à designação e delimitação conceptual do que é um actor isolado. Não obstante estarmos na presença de uma matéria sobre a qual o número de estudos disponíveis é ainda em número reduzido, constatámos a existência de

vários estudos que incluem um número significativo de denominações diferentes, nem sempre adequadamente justificadas.

Definir algo que pela sua taxonomia implica uma associação a um número concreto, não poderá no nosso entender, ser justificado de forma abrangente, permissiva e inclusiva. Neste sentido e face aos vários conceitos analisados, manifestamos a nossa concordância com as definições mais restritivas, que defendem que o actor isolado é um indivíduo politicamente motivado, que decide perpetrar um acto terrorista por sua iniciativa, sem possuir qualquer afiliação a um grupo ou organização terrorista (Burton & Stewart, 2008; Bakker & Graaf, 2010; Bakker & Graaf, 2011; Becker, 2014; Spaaij, 2010; Spaaij, 2012; Hamm & Spaaij, 2017).

De acordo com o nosso propósito, procurámos definir o conceito de actor isolado como: violência ideologicamente motivada, praticada por um indivíduo não afiliado e independente, que atua por sua exclusiva iniciativa, utilizando táticas e *modus operandi* concebidos sem recurso à colaboração de terceiros.

Constatámos com base nas conclusões dos estudos analisados que não existe um perfil associado à figura dos actores isolados e que a sua actuação inclui um misto de motivações de natureza pessoal e ideológica. De acordo com os estudos relativos à caracterização do actor isolado, verifica-se que na sua generalidade são do sexo masculino e que cerca de um terço apresentam problemas do foro mental, o que nos permite sugerir que deverá existir um maior relacionamento com as autoridades de saúde na identificação prévia de casos que possam vir a constituir-se como problemáticos do ponto de vista securitário.

A Internet possibilita o contacto com comunidades virtuais de indivíduos com uma abertura cognitiva similar, promovendo a associação a ideologias radicais, às quais passam a possuir um sentimento de pertença. Os estudos analisados indicam que o processo de radicalização destes actores não ocorre num vácuo social e que comunicam por vezes com terceiros, de forma verbal ou escrita, anunciando previamente as suas intenções.

A generalidade dos estudos analisados refere uma prevalência de utilização de armas de fogo relativamente a outros *modus operandi*. A utilização de armas brancas e mais recentemente de veículos surgem igualmente associadas à actuação de actores isolados, apesar de em menor número.

Face às limitações físicas imposta pelo número, a execução de ataques por actores isolados, não assume a complexidade associada aos ataques perpetrados por organizações terroristas. Ataques como os recentemente perpetrados, são de concepção simples e não necessitam de planeamento ou de coordenação elaborada como os realizados por uma organização terrorista. Os meios utilizados são rudimentares ou de oportunidade. São muitas vezes empregues materiais de fácil acesso, de utilização diária, ou que podem ser adquiridos em estabelecimentos comerciais. Do ponto de vista preventivo importará, a adopção de medidas adicionais por parte dos elementos das forças e serviços de segurança no sentido de mitigar os riscos decorrentes da ameaça, nomeadamente pela detecção precoce de comportamentos anómalos e suspeitos.

O terrorismo aproveita a exploração mediática proporcionada pelas acções desencadeadas servindo estas dois propósitos: a acção directa e o recrutamento. A cobertura de incidentes terroristas por parte dos órgãos de comunicação social expõe a doutrina e as novas tecnologias permitem que os movimentos subsistam enquanto ideologias. Esta exploração dos ataques praticados por actores isolados tem, em alguns casos, potenciado a sua replicação noutros locais geográficos.

Os estudos analisados concluem que muitos dos actores isolados interagem virtualmente com terceiros ou com comunidades virtuais do seu espectro ideológico. Estudos recentes relativos a esta problemática referem a possibilidade da análise matemática na identificação comportamental em redes sociais para o reconhecimento de indicadores de violência.

Um dos objectivos dos terroristas é o encorajamento do oponente em acções desproporcionadas de retaliação contra as comunidades de onde são originários enquanto mecanismo potenciador da radicalização de mais indivíduos. Neste sentido e como referimos, importará desenvolver metodologias de formação dos agentes policiais empenhados em missões de prevenção e recolha de informação, designadamente através do policiamento de proximidade, em que o contacto com a comunidade pressupõe e estimula a pedagogia da participação cívica como instrumento fundamental na gestão da segurança pública.

A limitação e erradicação destes fenómenos deverão centrar-se na luta contra as ideologias que fomentam o terrorismo.

Como refere Duyventstein, *“We can at the present not but come to the conclusion that we are quite good at tactical disruption of our enemy, instead of generating strategic effect”* (2013, p. 27).

Bibliografia

- Abanes**, R. (1996). *American Militias*. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press.
- ADL**. (2012). *Alex Curtis: Lone Wolf of Hate Prowls the Internet*. New York: Anti-Defamation League.
- Alfaro-Gonzalez**, Lydia, R. B., **Bartol**, C., **Boyden**, M., **Calderwood**, T., **Doyle**, D., . . . al, e. (2015). *Report: Lone Wolf Terrorism*. Georgetown University.
- AR**. (2015). *Quadro Legislativo de sancionamento de Atos de Terrorismo: Da Realidade Europeia à de Países africanos de Expressão Lusófona*. Lisboa: Assembleia da República. Divisão de Informação Legislativa e Parlamentar.
- Arquilla**, J. (2011). *Insurgents, Raiders and Bandits: how masters of irregular warfare have shaped the world*. Chigago: Ivan R Dee.
- Arquilla**, J., & **Ronfeldt**, D. (2001). *Networks and Netwars*. Santa Monica, CA: RAND.
- Atwan**, A. B. (2012). *After Bin Laden. Al Qaeda next generation*. London: Saqi Books.
- Baddeley**, G. (2009). *God's Assassins. The medieval Roots of Terrorism*. Surrey: ian Allan Publishing.
- Bakker**, E. (2015). *Terrorism and Counterterrorism Studies: Comparing Theory and Practice*. Leiden: Leiden University Press.
- Bakker**, E., & **Graaf**, B. d. (2010). *Lone Wolves: How to Prevent This Phenomenon?* The Hague: International Centre for Counter-Terrorism .
- Bakker**, E., & **Graaf**, B. d. (Dezembro de 2011). Preventing Lone Wolf Terrorism: Some CT Approaches Adressed. *Perpectives on Terrorism*, 5, pp. 43-50.
- Bartlett**, W. B. (2007). *Assassins, The Story of Medieval Islam's Secret Sect*. Gloucestershire: Sutton Publishing Limited.
- Bates**, R. A. (18 de Abril de 2012). Dancing With Wolves: Today's Lone Wolf Terrorists. *The Journal of Public and Professional Sociology*, 4 - 1, pp. 1-13.
- Bayoumy**, Y. (22 de Setembro de 2014). *Isis urges more attacks on Western 'disbelievers'*. Obtido de www.independent.co.uk: <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/isis-urges-more->

attacks-on-western-disbelievers-9749512.html, acedido em 31 de agosto de 2017.

- Beam**, L. (Fevereiro de 1992). *Leaderless Resistance*. Obtido de [www-personal.umich.edu: http://www-personal.umich.edu/~satran/PoliSci%2006/Wk%2011-1%20Terrorism%20Networks%20leaderless-resistance.pdf](http://www-personal.umich.edu/~satran/PoliSci%2006/Wk%2011-1%20Terrorism%20Networks%20leaderless-resistance.pdf), acedido em 31 de agosto de 2017.
- Beam**, L. R. (2000). Leaderless Resistance. In J. K. (Eds), *Encyclopedia of White Power: A Sourcebook on the Radical Racist White* (pp. 503-511). Walnut Creek, California: Altamira Press.
- Becker**, M. (15 de Agosto de 2014). Explaining Lone Wolf Target Selection in the United States. *Studies in Conflict & Terrorism*, pp. 959-978.
- Berger**, J. (2016). *The Turner Legacy: The Storied Origins and Enduring Impact of White Nationalism's Deadly Bible*. Obtido de International Centre for Counter Terrorism: <https://icct.nl/wp-content/uploads/2016/09/ICCT-Berger-The-Turner-Legacy-September2016-2.pdf>, acedido em 31 de agosto de 2017.
- Bíblia**. (2009). *A Bíblia para Todos*. Lisboa: Sociedade Bíblica.
- Blanco**, J. M. (21 de Agosto de 2012). *El concepto de "lobo solitario"*. Obtido de [www.cisde.es: https://cisde.es/observatorio/el-concepto-de-lobo-solitario](https://cisde.es/observatorio/el-concepto-de-lobo-solitario), acedido em 31 de agosto de 2017.
- Bloom**, M. (2012). *Bombshell: Women and Terrorism*. Philadelphia: University of Philadelphia Press.
- Boff**, L. (2006). *Fundamentalism, Terrorism and the Future of Humanity*. London: SPCK.
- Borum**, R., **Fein**, R., & **Vossekuil**, B. (2012). A dimensional approach to analysing lone offender terrorism. *Agression and Violent Behavior*, 17, pp. 389-396.
- Brachman**, J. M. (2009). *Global Jihadism - Theory and Practice*. New York: Routledge.
- Brafman**, O., & **Beckstrom**, R. A. (2006). *The Starfish and the Spider*. New York: Portofolio.
- Burton**, F., & **Stewart**, S. (30 de Janeiro de 2008). *The Lone Wolf Disconnect*. Obtido de www.Stratfor.com:

http://www.stratfor.com/weekly/lone_wolf_disconnect., acedido em 31 de agosto de 2017.

Byman, D. (2015). *Al-Qaeda, the Islamic State and the global Jihadist movement*. New York: Oxford university Press.

Calimachi, R. (04 de Fevereiro de 2017). *Not "Lone Wolves" After All: How ISIS Guides World's Terror Plots From Afar*. Obtido de www.nytimes.com: <https://www.nytimes.com/2017/02/04/world/asia/isis-messaging-app-terror-plot.html> acedido em 31 de agosto de 2017.,

Cashetta, A. J. (03 de Novembro de 2017). *Why There's More and More Truck Jihad*. Obtido de www.meforum.org: <http://www.meforum.org/6993/freelance-vehicular-Jihad>, acedido em 04 de Novembro de 2017.

Chaliand, G., & Blin, A. (2016). *The History of Terrorism. From Antiquity to Isis. Updated Edition*. Oakland, California: University of California Press.

Charlaff, J. (02 de Novembro de 2016). *the-challenge-of-lone-wolf-Jihadists*. Obtido de www.hstoday.us: <http://www.hstoday.us/briefings/daily-news-analysis/single-article/the-challenge-of-lone-wolf-Jihadists/a96ad6adbcbee947ff55f50cb0db543b.html>; acedido em 31 de agosto de 2017.

Chen, H., Reid, E., Sinai, J., Silke, A., Ganor, B., & eds. (2008). *Terrorism and Informatics: knowledge management and data mining for homeland security, integrated series on information systems* (Vol. 18). New York: Springer.

Corcoran, J. (1995). *Bitter Harvest: the birth of paramilitary terrorism in the heartland*. New York: Penguin Books.

COT. (2007). *Lone-Wolf Terrorism*. The Hague: Instituut voor Veiligheids en Crisismanagement.

Couto, A. C. (1988). *Elemento sde estratégia: apontamentos para um curso, Volume I*. Pedrouços, Lisboa: Instituto de Estudos Militares.

Daftary, F. (2001). *The Assassins Legends*. London: I.B. Tauris.

Dickey, C. (07 de Abril de 2007). *Dickey: Al Qaeda's New Thinking*. Obtido de www.newsweek.com: <http://www.newsweek.com/dickey-al-qaedas-new-thinking-104223>, acedido em 31 de agosto de 2017.

- Doenitz, K.** (1997). *Memoirs: ten years and twenty days, New Edition*. New York: Da Capo Press.
- Douglas, J., & Olshaker, M.** (1999). *The Anatomy of Motive*. New York: Pocket books.
- Duarte, F. P.** (2015). *Jihadismo Global. Das Palavras aos Actos. Al-Qaeda, Estado Islâmico e o Império do Terror*. Barcarena: Marcador.
- Duyvesteyn, I.** (10 de Junho de 2013). *Strategic Illiteracy. The Art of Strategic Thinking in Modern Military Operations*. Obtido de www.openaccess.leidenuniv.nl:
<https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/20944/Oratie%20Duyvesteyn%20Eng.pdf>, acedido em 31 de agosto de 2017.
- Easterly, J., & Geltzer, J. A.** (23 de Maio de 2017). *The Islamic State and the End of Lone-Wolf Terrorism*. Obtido de www.foreignpolicy.com:
<http://foreignpolicy.com/2017/05/23/the-islamic-state-and-the-end-of-lone-wolf-terrorism/>; acedido em 31 de agosto de 2017.
- Eisenstadt, S. N.** (1997). *Fundamentalismo e Modernidade*. Oeiras, Lisboa: Celta Editora.
- Ellis, C., Pantucci, R., Zuidjdewijn, J. d., Baker, E., Gomis, B., Palombi, S., & Smith, M.** (2015). *Lone-Actor Terrorism: Final Report*. Obtido de www.rusi.org: https://rusi.org/sites/default/files/201604_clat_final_report.pdf; acedido em 31 de agosto de 2017.
- EUROPOL.** (2012). *European Union Terrorism Situation and Trend Report*. Obtido de www.europol.europa.eu: <https://www.europol.europa.eu/tesat/2012/>; acedido em 31 de agosto de 2017.
- EUROPOL.** (2013). *European Union Terrorism Situation and Trend Report*. Obtido de www.europol.europa.eu: <https://www.europol.europa.eu/tesat/2013/>; acedido em 31 de agosto de 2017.
- EUROPOL.** (2017). *European Union Terrorism Situation and Trend Report*. Obtido de www.europol.europa.eu: <https://www.europol.europa.eu/tesat/2017/>; acedido em 31 de agosto de 2017.
- Fernandes, J.** (2017). *O regresso da Geopolítica*. Coimbra: Almedina.
- Fernandes, L. F.** (2004). As Sociedades Contemporâneas e a Ameaça Terrorista. In A. Moreira, *Terrorismo* (pp. 417-437). Coimbra: Almedina.
- Fernandes, L. F.** (2014). *Intelligence e Segurança Interna*. Lisboa: ISCPSI.

- Fine, J.** (2015). *Political Violence in Judaism, Christianity and Islam: From Holy War to Modern Terror*. London: Rowman & Littlefield.
- Forrest, J. J.** (2015). *The Terrorism Lectures, 2nd edition*. Nortia Press.
- Foster, R. E.** (16 de Junho de 2006). *terrorism organizational and communication strategies*. Obtido de www.policeone.com: <https://www.policeone.com/federal-law-enforcement/articles/135924-Terrorism-organizational-and-communication-strategies/>, acedido em 31 de agosto de 2017.
- Fredholm, M.** (2016). *Understanding Lone Actor Terrorism*. Abingdon, Oxon: Routledge.
- Freedman, D.** (26 de Setembro de 2011). *Al Qaeda's dumbest terrorists*. Obtido de www.forbes.com: <https://www.forbes.com/sites/danielfreedman/2011/09/26/al-qaedas-dumbest-terrorists/#5c3bb055c27a>, acedido em 31 de agosto de 2017.
- Ganor, B.** (2002). Defining Terrorism: Is One Man's Terrorist another Man's Freedom Fighter. *Police Practice and Research, Vol 3, no 4*, pp. 287-304.
- Garfinkel, S. L.** (03 de Março de 2003). *Leaderless resistance today*. Obtido de First Monday - Peer reviewed journal on the internet: <http://uncommonculture.org/ojs/index.php/fm/article/view/1040/961>, acedido em 31 de agosto de 2017.
- Gayle, D.** (19 de Abril de 2017). *Armed police to be trained to shoot through windscreens to stop vehicle attacks*. Obtido de www.theguardian.com: <https://www.theguardian.com/uk-news/2017/apr/19/armed-police-to-be-trained-to-shoot-through-windscreens-to-stop-vehicle-attacks>, acedido em 31 de agosto de 2017.
- George, J., & Wilcox, L.** (1996). *American Extremists: Militias, Supremacists; Klansmen, Communists, & Others*. New York: Prometheus Books.
- Gerges, F.** (2016). *ISIS. A history*. New Jersey: Princeton University Press.
- Gill, P.** (2015). *Lone-Actor Terrorists. A Behavioural Analysis*. New York: Routledge.
- Gill, P., Horgan, J., & Deckert, P.** (Março de 2014). Bombing Alone. Tracing the motivations and antecedent behaviours of Lone-actor Terrorists. *Journal of Forensic Sciences, volume 59, number 2*, pp. 425-435.

- Gomis, B.** (2016). *Counter terrorism - Reassessing the policy response*. Boca Raton, Florida: CRC Press.
- Griffin, R. S.** (2001). *The Fame of a Dead Man's Deeds*. 1st books.
- Griset, P. L., & Mahan, S.** (2003). *Terrorism in Perspective*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Guedes, A. M.** (2007). *Ligações Perigosas*. Coimbra: Almedina.
- Gunaratna, R., & Oreg, A.** (2015). *The Global Jihad Movement*. Lanham: Rowman & Littlefield.
- Gursky, P.** (2016). *The Threat from Within. Recognizing Al-Qaeda Inspired Radicalization and Terrorism in the West*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield.
- Gursky, P.** (2017). *The Lesser Jihads. Bringing the Islamist Extremist fight to the World*. London: Rowman & Littlefield.
- Hamm, M. S.** (1997). *Apocalypse in Oklahoma: Waco and Ruby Ridge Revenged*. Boston: Northeastern University Press.
- Hamm, M. S.** (Fevereiro de 2015). *Lone Wolf Terrorism in America: Forging a new way of looking at an old problem*. Obtido de www.ncjrs.gov: <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/248691.pdf>, acessado em 31 de agosto de 2017.
- Hamm, M. S., & Spaaij, R.** (2017). *The Age of Lone Wolf Terrorism*. New York: Columbia University Press.
- Hastings, R.** (04 de Junho de 2017). *How armed police ended the London Bridge terror attack in eight minutes*. Obtido de www.inews.co.uk: <https://inews.co.uk/essentials/news/uk/london-bridge-borough-market-armed-police-response-speed-eight-minutes/>, acessado em 31 de agosto de 2017.
- Hegghammer, T.** (2017). *Jihadi Culture*. New York: Cambridge University Press.
- Hemming, J.** (2003). *The Conquest of the Incas*. New York: Harvest Books.
- Hemmingby, C.** (Outubro de 2017). Exploring the Continuum of Lethality: Militant Islamists Targeting Preferences in Europe. *Perspectives on Terrorism, Volume 11, Issue 5*, pp. 25-41.
- Henriques, F. G.** (31 de Julho de 2016). *Ataques de "lobos solitários" são o maior risco que a Europa enfrenta*. Obtido de www.publico.pt: <https://www.publico.pt/2016/07/31/mundo/noticia/ataques-de-lobos->

solitarios-serao-o-maior-risco-que-a-europa-enfrenta-1739835, acessado em 31 de agosto de 2017.

Hewitt, C. (2003). *Understanding Terrorism in America: From the Klan to Al Qaeda*. New York: Routledge.

Hoffman, B. (1997). Responding to Terrorism Across the Technological Spectrum. In J. Arquilla, D. Ronfeldt, & (Eds), *In Athena's Camp: Preparing For Conflict In the Information Age* (pp. 347-351). Santa Monica, CA: RAND.

Hoffman, B. (2006). *Inside Terrorism*. New York: Columbia University Press.

Hoffman, B. (2006). *Inside Terrorism*. Columbia University Press.

Hoffman, B. (2017). *Inside terrorism, 3rd edition*. New York: Columbia University Press.

Hoffman, B., & Reinares, F. (2014). *The Evolution of the Global Terrorist Threat - From 9/11 to Osama Bin Laden's death*. New York: Columbia University Press.

Jefferis, J. L. (2010). *Religion and Political Violence - Sacred protest in the modern world*. New York: Routledge.

Jenkins, B. M. (2011). *Stray Dogs and Virtual Armies: Radicalization and Recruitment to Jihadist Terrorism in the United States Since 9/11*. Obtido de www.rand.org. Org: https://www.rand.org/pubs/occasional_papers/OP343.html, acessado em 31 de agosto de 2017.

Jenkins, B. M. (2011). *Stray Dogs and Virtual Armies: Radicalization and Recruitment to Jihadist Terrorism in the United States Since 9/11*. Obtido de www.rand.org: Jenkins, Brian Michael. *Stray Dogs and Virtual Armies: Radicalization and Recruitment to Jihadist Terrorism in the United States Since 9/11*. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2011. https://www.rand.org/pubs/occasional_papers/OP343.html, acessado em 31 de agosto de 2017.

Jones, S., & Israel, P. (1998). *Others Unknown: The Oklahoma City Bombing Case and Conspiracy*. New York: PublicAffairs.

Joscelyn, T. (08 de Maio de 2017). *AQAP leader calls for 'simple' attacks in the West*. Obtido de www.counterJihadreport.com: <https://counterJihadreport.com/2017/05/09/aqap-leader-calls-for-simple-attacks-in-the-west/> acessado em 31 de agosto de 2017.,

- Juergensmeyer, M.** (2003). *Terror in the Mind of God*. Berkeley: California University Press.
- Kaplan, J.** (2000). *Encyclopedia of White Power: A Sourcebook on the Radical Racist Right*. Lahan, Maryland: Rowman & Littlefield.
- Kaplan, J.** (2001). Leaderless Resistance. In D. C. Rapoport, *Inside Terrorist Organizations* (pp. 260-273). London: Frank Cass & Co.
- Kaplan, J.** (2012). *Terrorist Groups and the New Tribalism: Terrorism's Fifth Wave*. Routledge.
- Kaplan, J., Löow, H., & Malkki, L.** (2015). *Lone Wolf and The Autonomous Cell*. New York: Routledge.
- Kepel, G., & Millelli, J.-P.** (2008). *AL Qaeda in its Own Words*. Cambridge Massachussets: Belknap Press.
- Kushner, H. W.** (1998). *Terrorism in America: A Structured Approach to Undersatnding the Terrorist Threat*. Springfield, IL: Charles C. Thomas Publisher.
- LaFree, G., Dugan, L., & Miller, E.** (2015). *Putting Terrorism in Context -Lessons from the Global terrorism database*. New York: Routledge.
- Lappin, Y.** (2011). *Virtual Caliphate*. Dulles, Virginia: Potomac Books, Inc.
- Laqueur, W.** (2001). *A History of Terrorism, 6nd*. New York, USA: Transaction Publishers.
- Lara, A. d.** (2005). *Ciência Política. Estudo da Ordem e da Subversão, 3ª edição*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Larabee, A.** (2015). *The Wrong Hands: Popular Weapons Manuals and Their Historic Challenges to a Democratic Society*. New York: Oxford University Press.
- Law, R. D.** (2009). *Terrorism- A History*. Cambridge: Polity Press.
- Lenz, R.** (2015). *Age of the Wolf*. Montgomery, AL: Poverty Law Center.
- Lewis, B.** (2001). *Os assassinos, uma seita islâmica radical*. Lisboa: Terramar.
- Lia, B.** (2009). *Architect of Global Jihad: The Life of Al-Qaida Strategist Abu Mus'ab al-Suri*. London: Hurst & Company.
- Lopes, M. S.** (2010). *Novo Dicionário do Islão*. Alfragide: Casa das Letras.
- Macdonald, A.** (1978). *The Turner Diaries: A Novel, Second Edition*. New Jersey: Barricade Books.

- Macdonald**, A. (1989). *Hunter: A Novel*. Hillsboro, VW: National Vanguard Books.
- Malet**, D. (2013). *Foreign Fighters - Transnational Identity in Civil Conflicts*. New York, USA: Oxford University Press.
- Mansfield**, L. (2006). *His Own Words. A translation of the writings of Dr. Ayman al Zawahiri*. New Jersey: TLG Publications.
- Martin**, G. (. (2011). *The Sage Encyclopedia of Terrorism*. Thousand Oaks: Sage.
- Martin**, G. (2010). *Understanding Terrorism, 3rd edition*. Thousand Oaks, California, USA: Sage Publications.
- McCann**, J. T. (2006). *Terrorism on American Soil: A Concise History of plots and perpetrators from the Famous to the Forgotten*. New York: First Sentient Publications.
- McCauley**, C., & **Moskalenko**, S. (2017). *Friction - How Conflict Radicalizes Them and Us, Revised and Expanded Edition*. New York: Oxford University Press.
- McCauley**, C., **Moskalenko**, S., & **Son**, B. V. (Fevereiro de 2013). Characteristics os Lone-Wolf Violent Offenders: a Comparison of Assassins and School Attackers . *Perpectives on Terrorism, volume 7, issue 1*, pp. 4-24.
- Michael Freedholm**, eds (2016). *Understanding Lone Actor Terrorism - Past Experience, Future Outlook, and Response Strategies*. New York: Routlege.
- Michael**, G. (2012). *Lone Wolf Terror and the Rise of Leaderless Resistance*. Nashville, Tennessee: Vanderbilt University Press.
- Michel**, L., & Herbeck, D. (2001). *American Terrorist - Timothy McVeigh & the Oklahoma City Bombing*. New York: Reganbooks, Harper Collins.
- Mishra**, P. (2017). *Tempo de Raiva. Uma história do presente*. Lisboa: Temas e Debates - Círculo de Leitores.
- Nance**, M. W. (2008). *Terrorist Recognition Handbook, Second Edition*. Boca Raton, Florida: CRC Press.
- Nash**, J. R. (1998). *Terrorism in the 20th Century: A Narrative Encyclopedia from the Anarchists through the Weathermen to the Unabomber*. New York: M. Evans and Company.
- Orel**, V. E. (2003). *A Handbook of German Etymology*. Leiden: Brill Publishers.
- Pantucci**, R. (2011). *A Typology of Lone Wolves: Preliminary Analysis of Lone Islamist Terrorists*. London: Kings College.

- Pantucci**, R. (Dezembro de 2011). What Have We Learned about Lone Wolves from Anders Behring Breivik? *Perspectives on Terrorism*, vol. 5 (5-6), pp. 27-42.
- Pantucci**, R., **Ellis**, C., & **Chaplais**, L. (2015). *Lone-Actor Terrorism: Literature Review*. Obtido de www.rusi.org: https://rusi.org/sites/default/files/201512_clat_literature_review_0.pdf, acessado em 31 de agosto de 2017.
- Perry**, M., & **Negrin**, H. E. (2008). *The Theory and Practice of Islamic Terrorism - An Anthology*. New York: Palgrave Macmillan.
- PET**. (05 de Abril de 2011). *The threat from solo terrorism and lone wolf terrorism*. Obtido de www.pet.dk: https://www.pet.dk/English/~-/media/Engelsk/the_threat_from_solo_terrorism_and_lone_wolf_terrorism_-_engelsk_version_pdf.ashx; acessado em 31 de agosto de 2017.
- Phillips**, P. J. (2013). *In Pursuit of the Lone Wolf Terrorist: Investigative Economics and New Horizons for Economic Analysis of Terrorism*. New York: Nova Science Publishers.
- Pires**, N. L. (2016). *Resposta ao Jihadismo Radical. Políticas e Estratégias para vencer grupos como a Al-Qaeda ou o DAesh*. Alcochete: Nexo.
- Post**, N. (17 de Abril de 2012). *Norway gunman Anders Behring Breivik brags of most 'sophisticated, spectacular' attack on Europe since WWII*. Obtido de www.nationalpost.com: <http://nationalpost.com/news/norway-gunman-anders-behring-breivik-brags-of-most-sophisticated-spectacular-attack-on-europe-since-wwii> acessado em 31 de agosto de 2017.,
- Rabassa**, A., & **Benard**, C. (2015). *EuroJihad. Patterns of Islamist Radicalization and terrorism in Europe*. New York: Cambridge University Press.
- Ramsay**, G. (2013). *Jihadi Culture on the World wide Web*. New York: Bloomsbury Academic.
- Rapoport**, D. C. (2001). *Inside Terrorist Organizations*. London : Frank Cass & Co.
- Rapoport**, D. C. (2004). The Four Waves of Modern Terrorism. In A. K. Cronin, J. M. Ludes, & eds, *Attacking Terrorism - Elements of a Grand Strategy*. Georgetown University Press.

- RCMP.** (2009). *Radicalization. A Guide for the Perplexed.* Canada: Royal Canadian Mounted Police.
- República, A. d.** (2015). *Quadro legislativo de sancionamento de atos de terrorismo: da realidade europeia à de países africanos de expressão lusófona.* Lisboa: Assembleia da República. Divisão de Informação Legislativa e Parlamentar.
- Richman, A., Sharan, Y., & eds.** (2014). *Lone Actors - An emerging security threat.* Amsterdam: IOS Press BV.
- Roberts, D.** (1994). *Once They Moved Like the Wind: Cochise, Geronimo and the Apache Wars.* New York: Touchtone.
- Rodriguez, B.** (27 de Outubro de 2017). *La caída de Raqqa: la etapa post-Califato.* Obtido de www.seguridadinternacional.es: <http://www.seguridadinternacional.es/?q=es/content/la-ca%C3%ADda-de-raqqa-la-etapa-post-califato-0>; acedido em 31 de agosto de 2017.
- Ross, D. G., & Gruen, M.** (12 de Fevereiro de 2010). *Foundation For Defense of Democracies.* Obtido de www.defenddemocracy.org: <http://www.defenddemocracy.org/media-hit/leadership-vs-leaderless-resistance-the-militant-white-separatist-movement/>; acedido em 31 de agosto de 2017.
- Ruthven, M.** (2004). *Fundamentalism: the Search for Meaning.* New York: Oxford University Press.
- Sageman, M.** (2004). *Understanding Terror Networks.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Sageman, M.** (2008). *Leaderless Jihad: terror networks in the twenty-first century.* Philadelphia: University of Pennsylvania press.
- Schmid, A. P.** (2010). *The Routledge Handbook of Terrorism Research.* Routledge.
- Schmid, A. P., & Jongman, A. J.** (1988). *Political Terrorism - A new guide to actors, authors, concepts, data bases, theories, & literature.* New Jersey: Transaction Publishers.
- Scruton, R.** (2006). *O Ocidente e o Resto - Globalização e ameaça terrorista.* Lisboa: Guerra e Paz.

- Simi, P., & Futrell, R.** (2015). *American Swastika: inside the White Power movement's hidden spaces of hate (second edition)*. Lahan, Maryland: Rowman & Littlefield.
- Simon, J. D.** (2013). *Lone Wolf Terrorism - Understanding the Growing Threat*. New York: Prometheus Books.
- Spaaij, R.** (2010). The Enigma of Lone Wolf Terrorism. *Studies in Conflict and Terrorism*, 33 (9), pp. 854-870.
- Spaaij, R.** (2012). *Understanding Lone Wolf Terrorism*. New York: Springer.
- SSI.** (2017). *Relatório Anual de Segurança Interna, 2017*. Lisboa: Sistema de Segurança Interna.
- Staffel, S., & Awan, A. N.** (2016). *Jihadism Transformed*. London: Hurst & Company.
- Stampnitzky, L.** (2013). *Disciplining Terror. How Experts Invented Terrorism*. New York: Cambridge University Press.
- Stern, J.** (2004). *Terror in the name of God*. New York, USA: Eco Trade.
- Stickney, B. M.** (1996). *"All American Monster": The unauthorized biography of Timothy McVeigh*. New York: Prometheus Books.
- Torres, J.** (2009). *Terrorismo Islâmico - Gestão dos riscos para a segurança nacional*. Coimbra: EDIUAL.
- Turchie, T. D., & Puckett, K. M.** (2007). *Hunting the American Terrorist: the FBI's War on Homegrown Terror*. Palisades, New York: History Publish Company.
- Turentini, U.** (2015). *The Mystery of the Lone Wolf Killer: Anders Behring Breivik and the Threat of Terror in Plain Sight*. New York: Pegasus Crime.
- Vollers, M.** (2007). *Lone Wolf - Eric Rudolph and the Legacy of American Terror*. New York: Harper Perennial .
- Willsher, K.** (26 de Janeiro de 2016). *I'd rather have prevented the PARIS attacks than predicted them says film director* . Obtido de www.theguardian.com: <https://www.theguardian.com/world/2016/jan/24/paris-attacks-made-in-france-film-nicolas-boukhrief>, acedido em 31 de agosto de 2017.
- Winter, C.** (2015). *The Virtual "Caliphate": Understanding Islamic's State Propaganda Strategy*. Obtido de www.stratcomcoe.org: <https://www.stratcomcoe.org/charlie-winter-virtual-caliphate-understanding-islamic-states-propaganda-strategy> acedido em 31 de agosto de 2017.;

Wiskind, C. (2016). *Lone wolf terrorism and open source Jihad: an explanation and assessment*. Herzlyia, Israel: IDC Herzlyia, International institute for Counterterrorism.

Anexo 1

A religião e a violência

Religião e violência estiveram sempre intimamente ligadas. No período anterior ao aparecimento das religiões monoteístas¹, esta relação pressupunha que as divindades de uma determinada facção ou grupo lutassem em seu favor nos campos de batalha (Martin, 2010). Na generalidade, todos os grandes impérios do mundo antigo² utilizaram as divindades em seu proveito enquanto mecanismo de validação da vitória, impondo o seu culto aos adversários e promovendo a substituição do anteriormente adoptado pela facção ou grupo derrotado (Martin, 2010). Uma das formas mais comuns de ataque às instituições religiosas passava pela destruição ritual dos templos e panteões dos vencidos, procurando-se desta forma demonstrar a inutilidade e impotência face ao poder atribuído às divindades mais poderosas associadas ao vencedor e impedir o ressurgimento dos cultos dos vencidos. Com o surgimento das religiões monoteístas, verificou-se uma separação entre o local de culto e a divindade, deixando a destruição dos templos e santuários de estar associada à do culto. A interpretação religiosa passou a incorporar uma justificação plausível e comportamental para este facto, que normalmente estava associada à conduta imprópria das populações perante a divindade (Martin, 2010).

Juergensmeyr (2003) refere que o que impressiona, não é o mal praticado por pessoas más, mas o mal praticado por pessoas que parecem boas, e que enquanto crentes professam uma visão moral do mundo. Os sistemas religiosos monoteístas, particularmente o Cristianismo e o Islão, possuem um elemento associado ao seu carácter missionário, que de alguma forma justifica a violência enquanto elemento de conversão ou proselitismo. Enquanto o Cristianismo percorre um caminho esquizofrénico relativamente à justificação da violência, convivendo entre a tradição de monarcas violentos e o amor universal, o Islão é uma religião alicerçada no comércio e conquista, através da *Jihad*³ (Martin, 2010).

Scruton refere que "a civilização islâmica tem origem numa crença

¹ Cristianismo, Judaísmo e Islão.

² Assírios, Egípcios, Persas, Babilónicos, Gregos, Romanos, etc..

³ Pode ser definida enquanto "esforço" ou "dedicação". Divide-se em *Jihad* menor e maior podendo ser considerada enquanto uma luta contra os inimigos do Islão ou como aperfeiçoamento pessoal. Para os salafistas Jihadistas é encarada como "guerra santa" (Lopes, 2010, p. 185).

religiosa, inspirada por um texto sagrado; a sua Lei pode ser mal interpretada, mas jamais pode ser alterada" acrescentando que, "esta civilização define-se a si mesmo em termos de submissão, não de liberdade" (2006, p.16).

No mundo ocidental durante o Império Romano foi adoptado o sistema universal da Lei enquanto instrumento de governação, assumindo a sua separação da crença, facto que não se verifica no Islão, onde a Lei assume um carácter sagrado (Scruton, 2006).

Com a consagração de uma divindade e de um caminho único para a salvação, todas as restantes formas de culto são encaradas com desconfiança e como potencialmente enganosas (Martin, 2010).

Forrest destaca que "uma das características mais marcantes das ideologias religiosas é a sua capacidade motivadora para todos os tipos de acção humana" (2015, p. 219). Um crente poderá ser facilmente persuadido que está a actuar em nome de Deus, especialmente se estiver convicto que a violência se torna necessária para proteger ou defender terceiros. Os mais devotos possuem uma elevada crença na sua revelação sobre Deus, assumindo uma superioridade sobre os menos crentes ou não crentes e, desta forma, tornam-se teologicamente supremacistas e exclusivistas (Forrest, 2015).

Após um conjunto de entrevistas com extremistas cristãos, judeus e muçulmanos, Stern (2004) afirmou que estes revelaram uma espécie de "intoxicação espiritual" derivada de uma percepção alterada da sua própria interpretação e realização da vontade de Deus.

Nesta visão extremista da religião, não existe espaço para pontos de vista divergentes, sendo adoptada uma leitura simplista dos conceitos de bem e mal, vítimas e opressores, ou de nós e os outros. A procura de um melhor entendimento da vontade Deus, desperta em muitos crentes a busca de orientação junto de indivíduos que possuem uma aptidão especial para a interpretação dos textos sagrados. Oportunisticamente, alguns líderes religiosos extremistas, podem explorar as necessidades de orientação da fé, polarizando valores que podem conduzir a uma completa alienação das normas sociais e políticas. Apresentam uma visão histórica alternativa ou prospectiva, que tende a alimentar um confronto épico, cósmico e apocalíptico entre o bem e o mal, que actua enquanto elemento motivador, permitindo que muitos destes crentes possam desenvolver uma convicção que as suas acções permitem transformar as

sociedades para as futuras gerações (Forrest, 2015).

O terrorismo em nome da religião tornou-se o modelo predominante de violência política no mundo contemporâneo, tendo-se verificado um aumento da intensidade, frequência e alcance global (Jefferis, 2010). No mesmo período, e particularmente após os anos 90, verificou-se a ocorrência de um relativo declínio de outras tipologias de terrorismo (Martin, 2010; LaFree, Dugan, & Miller, 2015; Hoffman, 2006). O terrorismo com motivações religiosas "levou à prática de acções mais violentas e provocou um maior número de vítimas do que o terrorismo mais discriminado e menos letal perpetrado pelas organizações terroristas seculares" (Hoffman, 2006, p. 88).

O terrorismo de inspiração religiosa abarca um vasto espectro: cultos, grupos extremistas cristãos, judeus, budistas, hindus ou islâmicos, bem como outras formas de combinação e articulação entre a supremacia racial e interpretações extremistas da bíblia (Forrest, 2015). Para este terrorismo, a violência é o mais sacramental ato ou dever divino executado como resposta directa a um imperativo ou demanda teológica, assumindo uma dimensão transcendental. Os seus autores ignoram os limites políticos, morais e práticos que podem afectar outros terroristas (Hoffman, 2006).

Conforme refere Fernandes, "para a mentalidade secular do europeu e ocidental do século XXI, as ideologias políticas não utilizam uma linguagem religiosa, nem se legitimam com um fundamento divino" (2017, p. 133). Na sequência da revolução francesa de 1789, verificou-se uma separação entre política e religião, facto considerado válido para a moderna política ocidental (Fernandes, 2017).

No Islamismo enquanto ideologia política, por convicção ou estratégia, não existe separação entre o Islão como religião e do Islão como política (Fernandes J. , 2017). Este autor acrescenta que "frequentemente os grupos que afirmam ter apenas missões e objectivos religiosos, na prática, prosseguem objectivos iminentemente políticos" (2017, p. 134). A forma de efectuar política é também distinta da visão secular da política no mundo ocidental e pretende a implementação de um Estado Islâmico, regido pela Lei religiosa islâmica, apoiado num sistema governativo próximo das ideologias totalitárias (Fernandes J. , 2017), Uma das suas características "(...)" é o uso e apropriação de forma explícita e deliberada dos textos religiosos do Islão, usando-os como manifesto político e

Constituição" (Fernandes 2017, p. 135).

Fernandes acrescenta que "o conceito teorizado pelos teólogos-juristas do Islão clássico de uma guerra com regras que pode ser desencadeada em certas circunstâncias foi transformado numa forma de violência quase indiscriminada contra não-muçulmanos e muçulmanos desviantes do verdadeiro Islão" (2017, p. 137).

O movimento jihadista global baseia a sua ideologia na vertente salafista jihadista, que corresponde a uma interpretação enviesada ou incorrecta do Corão⁴ e dos *hadith*⁵, tendo-se desenvolvido no início do século XX, como um ramo do salafismo⁶ e do Islão sunita. Esta corrente, defende o regresso ao estilo de vida do profeta e dos seus companheiros nos primórdios do Islão e à implementação da sharia⁷. O salafismo jihadista advoga o recurso à violência e à *Jihad* total entendida como guerra santa, contra todos os que não partilham a sua crença político religiosa. Apesar do movimento englobar muitos activistas, apoiantes e simpatizantes, a vasta maioria dos muçulmanos rejeita a visão salafista ou salafista jihadista do Islão, verificando-se serem inúmeras vezes as primeiras vítimas das actividades violentas dos grupos associados a este movimento global (Gunaratna & Oreg, 2015).

⁴Em Português, Corão ou Alcorão, Livro Sagrado dos Muçulmanos que significa "Recitação" ou "Leitura por Excelência" (Lopes, 2010, p. 295).

⁵ Registo das palavras e acções de Maomé e dos seus companheiros. Segunda fonte mais importante da jurisprudência islâmica (Lopes, 2010, p. 136).

⁶ Movimento que advoga o regresso aos primeiros anos do Islão considerados como a idade de ouro desta religião (Lopes, 2010).

⁷ Lei islâmica ideal. Incorpora no direito Islâmico os preceitos do Corão e da *Sunnah*, entendida como os ditos do profeta (Lopes, 2010).

Anexo 2

O Fundamentalismo

O fundamentalismo é muitas vezes apresentado como anti moderno, como uma irrupção de forças tradicionais, reprimidas pelas sociedades modernas. O fundamentalismo, com a sua forte carga tradicionalista e anti moderna, é de facto um fenómeno relativamente recente, mas com uma forte raiz histórica nas civilizações religiosas (Eisenstadt, 1997).

Cronologicamente, as origens do fundamentalismo podem ser encontradas no Protestantismo Americano, que emergiu no início do século XIX, tendo o termo sido criado em 1915, quando a universidade de *Princeton* publicou um conjunto de doze textos intitulados "*The Fundamentals: a Testimony to the Truth*" (Ruthven, 2004; Boff, 2006). Nestes textos os teólogos propunham uma formulação mais rígida do Cristianismo, ortodoxa e dogmática, enquanto guia para as transformações que se verificavam na sociedade americana no início do século XX e que se traduziam não só no desenvolvimento tecnológico, mas também nos campos económico e social com o surgimento do liberalismo e da liberdade de expressão, constituindo-se desta forma como uma ameaça à segurança que a fé cristã sempre havia oferecido (Ruthven, 2004; Boff 2006).

O termo veio mais tarde a ser aplicado a outras religiões, primeiro no Islão e Judaísmo, e posteriormente no Budismo e Hinduísmo.

Eisenstadt destaca que "(...) existem diferenças de intensidade e na orientação dos diversos movimentos fundamentalistas (...), no seu maior ou menor cunho totalizante e no maior ou menor grau em que procuram moldar todas as esferas da existência (...)" (1997, p. 55).

No Protestantismo e no Islão, os fundamentalismos centraram-se nos livros sagrados, a Bíblia e o Corão, fontes directas da autoridade suprema, enquanto guias de reconstrução para a encarnação de uma visão primitiva e original do mundo. No catolicismo, judaísmo e nas outras religiões, esta ligação não é tão vincada ou é inexistente. A importância religiosa do Novo Testamento na Igreja Católica Romana e na Ortodoxa é superior à que se verifica em relação ao Antigo Testamento no Protestantismo, sendo que a mediação do Papa e da Igreja desempenharam nas primeiras, um papel importante na interpretação do

pensamento Cristão expresso na Bíblia. Por outro lado, a dimensão legal prescritiva é substancialmente menos vincada no Novo Testamento, relativamente ao Antigo Testamento ou no Corão. No Judaísmo, o Antigo Testamento não goza da mesma autoridade que a Bíblia ou o Corão possuem no Protestantismo ou Islão. Nas outras religiões, a visão primitiva ou originária que de alguma forma contribui para a visão fundamentalista, não resulta necessariamente de um livro ou texto sagrado ou na sua interpretação, mas de outras esferas ou experiências religiosas exemplares (Eisenstadt, 1997).

Para além dos aspectos relativos à relação do fundamentalismo com a modernidade, importa salientar que estes movimentos se caracterizam por uma construção política e ideológica elaborada que faz parte da agenda política moderna, ainda que os seus símbolos básicos e orientações sejam exactamente opostos (Eisenstadt, 1997). O mesmo autor refere que, "as estreitas relações do fundamentalismo com a modernidade manifestam-se (...), em muitas das suas características organizacionais, como a rígida disciplina partidária, a utilização das modernas tecnologias da informação e das modernas técnicas de propaganda" (Eisenstadt, 1997, p. 47).

No percurso civilizacional de praticamente todas as sociedades, as ideologias fundamentalistas constituem-se como uma forma de resposta a processos de mudança, sendo a sua importância variável em função do contexto. Conforme refere este autor, "os movimentos fundamentalistas tendem a surgir em períodos de mudança social e cultural acelerada - especialmente nas situações em que se desenvolve (...), uma crescente diferenciação, uma crescente diversidade de modos e estilos de vida" (Eisenstadt, 1997, p. 75).

Os grupos sociais que advogam as visões fundamentalistas bem como os que lhe são receptivos, variam de civilização para civilização, sendo no entanto possível observar um conjunto de características comuns, nomeadamente o afastamento em relação aos sectores centrais da economia, da cultura, e dos centros sociopolíticos (Eisenstadt, 1997).

Os movimentos fundamentalistas caracterizam-se igualmente pela predisposição para abranger os ideais das ideologias totalitárias, que colocam a tónica na reconstituição da ordem política e social, transformando-as em projectos políticos e visões missionárias globais. Eisenstadt concluiu que, "muitos movimentos fundamentalistas partilham com as revoluções modernas a fé no

primado da política, embora se trate no seu caso de uma política religiosa ou guiada por uma visão religiosa totalizante, visando reconstruir a sociedade ou certos sectores da sociedade" (1997, p. 48).

Anexo 3

O Movimento Jihadista Global

O ano de 1979 assume uma particular relevância face aos impactos provocados por um conjunto de eventos históricos e políticos, cujas repercussões continuam a manifestar-se no panorama geopolítico actual. Desta forma, importará citar a revolução islâmica que derrubou o Xá no Irão e a invasão soviética no Afeganistão, eventos que anunciaram ou aceleraram o inevitável crescimento de uma militância jihadista mundial. Salienta-se ainda no mesmo ano, a tomada da Grande Mesquita, em Meca, por um grupo liderado por um fanático, que proclamou o advento do messias muçulmano e que obrigou a uma intervenção conjunta da Arábia Saudita, apoiada por forças policiais francesas (Hoffman, 2006; Forrest, 2015).

O movimento jihadista global reporta ao início dos anos 80 e à luta no Afeganistão, quando o ideólogo e clérigo palestino Abdullah Azzam promoveu a deslocação de combatentes muçulmanos de diferentes origens para a Jihad afegã através da organização de voluntariado *Maktab al-Khidamat*, estabelecida em 1984, com o apoio financeiro de Osama bin Laden (Gunaratna & Oreg, 2015). Com o aproximar do final da guerra no Afeganistão, Azzam, Laden e os seus companheiros convencem-se da superioridade dos seus guerrilheiros face a uma superpotência e esta convicção leva-os a ponderar o estabelecimento de uma organização que servisse como suporte para a *Jihad* contra os estados apóstatas, contra os inimigos do mundo muçulmano e dos seus apoiantes ocidentais (Forrest, 2015). Verifica-se uma disputa entre os dois líderes e em 1988, *Osama bin Laden* abandona a organização para formar a al-Qaeda, inicialmente projectada por Azzam como forma de apoiar a Palestina na luta contra Israel. Com o homicídio deste e do seu filho, em circunstâncias estranhas. em 1989, a liderança da al-Qaeda é assumida por Osama bin Laden, até ao seu falecimento, em Maio de 2011 (Gunaratna & Oreg, 2015).

Nesta fase, a estrutura de comando da Al-Qaeda é de tipo hierárquico, não obstante se ter verificado uma alteração evolutiva e vários reposicionamentos adaptativos face ao movimento jihadista global. Na década de 90, muitos dos combatentes que lutaram no Afeganistão, regressaram aos seus países de

origem onde estabeleceram algumas estruturas jihadistas ou integraram as já existentes consumando a *Jihad* interna. Outros optaram por se deslocar para novos palcos de luta que entretanto emergiram no início da década: Bósnia, Cachemira, Chechénia e restante Cáucaso, Filipinas, Indonésia, Tadjiquistão, Iémen e Somália. Osama bin Laden reforçou a estrutura interna da organização, inicialmente no Sudão para onde havia sido convidado e, posteriormente, no Afeganistão. Apesar de não ter inicialmente assumido a preponderância que veio a possuir mais tarde, a componente externa da *Jihad* no início dos anos 90 estava concentrada num pequeno grupo de membros que foram detidos na sequência da investigação ao primeiro ataque ao *World Trade Center*, em 1993. Este grupo incluía entre outros, Ramzi Yousef e Khalid Sheik Mohamed, ideólogos do ataque de 2001, que terão tentado obter aprovação de Osama bin Laden para a execução de planos similares (Gunaratna & Oreg, 2015).

A partir do final de 1997, Osama bin Laden decide focar-se na *Jihad* externa como forma, de impelir as forças militares dos EUA a abandonar o Médio Oriente e, desta forma possibilitar a queda dos regimes seculares, permitindo a tomada do poder pelos islamitas. Em 1998, a al-Qaeda atacou as embaixadas dos EUA em Nairobi e Dar-es-Salam e, posteriormente em 2000, o USS Cole, no Golfo de Áden. Em 2001 atacam directamente os EUA, facto que obriga a uma intervenção militar no Afeganistão e, posteriormente no Iraque (Gunaratna & Oreg, 2015).

Depois de 2001, a estrutura central da al-Qaeda passa a ter um papel menos activo em face da pressão a que está sujeita no Afeganistão. A abertura de uma nova frente de combate no Iraque veio possibilitar a deslocação de combatentes para o novo cenário e o aparecimento de novas oportunidades para os jihadistas que, neste novo palco, para além do combate às forças da coligação, apostam numa guerra sectária contra os xiitas, desestabilizando o Iraque e permitindo, mais tarde, que o mesmo se verificasse na Síria. Paralelamente, algumas estruturas locais, localizadas em especial em África e na Ásia, vão manifestando o seu voto de obediência à al-Qaeda, assumindo um *branding* regional (Forrest, 2015; Gunaratna & Oreg, 2015).

Simplisticamente, o mote ideológico da al-Qaeda encontra-se resumido em quatro palavras "pensar globalmente, agir localmente" (Forrest, 2015, p. 272).

Após 2001, verifica-se também a emergência de acções praticadas por

pequenas células locais ou actores isolados, dirigidos localmente, virtualmente ou que, de forma autodidacta, passam a perpetrar actos terroristas contra alvos ocidentais, quer no espaço europeu quer noutros pontos do globo. Esta tendência acentuou-se face à pressão exercida sobre a estrutura central da organização no Afeganistão e no Iraque (Rabassa & Benard, 2015).

As primaveras árabes de 2012 provocaram a queda de alguns regimes seculares, mas alteraram equilíbrios de forças, possibilitando a chegada ao poder de facções mais extremistas que nalguns casos mergulharam os estados na instabilidade, voltando a garantir o combustível necessário para o envolvimento local dos movimentos jihadistas (Atwan, 2012). A Síria e a Líbia foram transformadas num mosaico retalhado, em que diferentes facções competem e combatem pelo poder.

Em 2014, o Estado Islâmico com origem na al-Qaeda, corta o seu vínculo à organização e proclama o ressurgimento do Califado na Síria e no Iraque, conseguindo num curto espaço temporal, assumir o controlo de partes substanciais do território dos dois países, através de uma movimentação táctica similar à *Blitzkrieg*¹ que assomou a Europa, em 1939. Com o afluxo de milhares de combatentes, predominantemente de origem europeia, do Cáucaso e norte-africana e beneficiando de vários apoios e equipamento sofisticado, o Estado Islâmico conseguiu manter uma estrutura de funcionamento de quase Estado durante pouco mais de três anos sobre o território por si controlado (Rodriguez, 2017).

As afiliadas da al-Qaeda e o Estado Islâmico, utilizaram o espaço virtual para a difusão da ideologia e *marketing* do jihadismo para novos públicos, contrariamente ao que se verificava com a estrutura central da al-Qaeda que possuía um modelo mais tradicionalista de difusão de conteúdos (Wiskind, 2016)

Independentemente da sobrevivência do Califado físico perspectiva-se a sua continuidade no espaço virtual (Winter, 2015). O Estado Islâmico, tal como com a sua antecessora, a al-Qaeda no Iraque, optou por adoptar uma política sectária bem vincada, publicitando de forma exuberante as suas acções, recorrendo para o efeito às técnicas dos grandes estúdios de cinema conjugadas

¹ Guerra relâmpago em alemão. Táctica empregue pelo exército alemão durante a segunda guerra mundial. Ataques a grande velocidade para abrir as linhas de defesa e cercar o adversário, forçando-o à rendição. Utilizada contra a Polónia, Noruega, Dinamarca, Bélgica, França e na fase inicial contra a Rússia.

com apontamentos gráficos dos jogos de consola (Ramsay, 2013; Winter, 2015, Gerges, 2016; Hegghammer, 2017).

Com a derrota militar na Síria e Iraque, o Estado Islâmico procurará desenvolver uma guerra atrito (Rodriguez, 2017). Hoffman refere que “ (...) tanto a al-Qaeda como o Estado Islâmico e os seus grupos afiliados conseguiram obrigar os EUA e os seus aliados, a uma guerra de atrito que é a estratégia preferida dos terroristas desde tempos imemoriais” (2017, p. 331). A al-Qaeda pretenderá continuar a afirmar-se como a líder do movimento jihadista global, alegando que o Estado Islâmico alienou as suas bases de apoio, condenando ao insucesso um projecto precoce do Califado.

Não obstante os objectivos definidos por qualquer uma das duas organizações relativamente à liderança do movimento jihadista, conforme salienta Fernandes, "a principal luta dos grupos islamistas-jihadistas como a al-Qaeda ou o Daesh, desenrola-se dentro do Islão e dos países muçulmanos (2017, p. 147).

Um autor dinamarquês desconhecido afirmou em tempos que era difícil efectuar previsões, especialmente sobre o futuro. Gursky (2017) adita que as “previsões são sempre difíceis e nunca perfeitas” (p.181), referindo-se ao actual contexto securitário alertando para que podemos estar a assistir a uma *ummahification* do conflito, no sentido em que os grupos jihadistas tentam transformar a sua visão extremista numa guerra entre o ocidente e o Islão (Gursky, 2017).

Para um extremista não existem fronteiras. A sua narrativa tem sido sistematicamente transformar a situação numa guerra entre “nós” e “eles” e em que os jihadistas se vêem como os últimos protectores dos Islão (Gursky, 2017).

Anexo 4

De entre os vários exemplos utilizados pelos autores que ilustram as diferenças entre os dois sistemas, salientamos pela sua pertinência face ao contexto de estudo, o dos *exploradores* espanhóis que nas Américas estabeleceram contacto com as civilizações Azteca, Inca e Apache.

Quando Hernán(do) Cortés¹, chegou a Tenochtitlán² pela primeira vez em 1519, ficou fascinado pelas imensas estradas, majestosos templos e pirâmides e pelos complexos aquedutos. Cortés esperava encontrar um povo selvagem, mas em vez disso foi confrontado com uma civilização que possuía cerca de 15 milhões de habitantes, uma língua distinta, um calendário avançado e o seu próprio governo e líder. Apesar da cidade se apresentar vasta e majestosa como a Córdoba e a Sevilha que conhecia, o *explorador* espanhol empreendeu a viagem com a finalidade de delapidar toda a riqueza possível e garantir a hegemonia de Espanha na América, e não com qualquer intuito *turístico*. Após confrontar o líder Azteca Montezuma II, exigiu-lhe todo o ouro da cidade, garantindo-lhe a sobrevivência. Apesar superioridade manifesta do seu exército face ao pequeno grupo de espanhóis, Montezuma II, não sabendo exactamente como reagir a este primeiro contacto com uma civilização diferente, considerou a possibilidade de Cortés poder ser uma *divindade* e entregou-lhe todas as riquezas de Tenochtitlán. O *explorador* espanhol não cumpriu o acordo previamente estabelecido e assassinou Montezuma II, o que provocou o caos na cidade (Levy, 2009) (Brafman & Beckstrom, 2006)

Para limitar a insurreição, Cortés sitiou *Tenochtitlán*, bloqueou os seus aquedutos e impediu o acesso de comida. No espaço de apenas 80 dias, a população da cidade, que totalizava 240.000 habitantes, sucumbiu à fome. Dois anos depois, o império Azteca que era anterior à era de Cristo tinha colapsado. (Levy, 2009; Brafman & Beckstrom, 2006)

Onze anos depois deste evento, os Incas da América do Sul partilharam o mesmo destino que os Aztecas, às mãos de outro *explorador* espanhol, Francisco Pizarro³, que liderando a partir do Panamá um exército de menor dimensão que o

¹Hernán(do) Cortés de Monroy y Pizarro Altamirano, explorador espanhol (1483-1547).

² Atual Cidade do México.

³ Francisco Pizarro González, explorador espanhol (1471-1541).

seu compatriota, capturou o líder Inca Atuhualpa, em 1532, no território que corresponde ao actual Perú. Uma vez mais, e em circunstâncias muito similares aos Aztecas, o império Inca soçobrou em apenas dois anos (Hemming, 2003; Brafman & Beckstrom, 2006).

Estes dois eventos improváveis, face à dimensão das forças em confronto, permitiram que os espanhóis controlassem uma parte substancial do continente do americano. Após a consolidação do seu poder na América do Sul e Central, os exércitos espanhóis marcharam para norte, vindo a defrontar os Apaches no território que actualmente corresponde ao estado do Novo México, nos EUA.

Contrariamente aos Aztecas e Incas, os Apache não edificaram qualquer estrada, monumento ou qualquer pequeno aglomerado populacional que se assemelhasse a uma pequena vila ou cidade. A sua sociedade era constituída por diversos núcleos distintos e não existia uma autoridade formal por parte de qualquer líder. Em sentido inverso às expectativas dos *exploradores* espanhóis, os Apache não possuíam ouro ou qualquer outra riqueza material de natureza geológica. Este facto obrigou-os a assumir uma abordagem diferente da usual metodologia de pilhagem, visando a rentabilização dos recursos disponíveis por via da utilização forçada da mão-de-obra para a execução de tarefas agrícolas e da conversão ao catolicismo. Somente um pequeno número de Apache se converteu a este *ideal*, tendo a maioria adoptado uma postura beligerante, rejeitando tudo o que era espanhol e iniciando uma luta que se prolongou por cerca de 400 anos com Espanha e posteriormente com o México e os EUA, e que permitiu a subsistência do modo de vida tradicional dos Apache até ao século XX (Roberts, 1994; Brafman & Beckstrom, 2006).

Poucos anos após o início das incursões às áreas controlados pelos Apache, os espanhóis perderam parte substancial do território conquistado no norte do México e Estados Unidos, para uma sociedade por si considerada como primitiva e selvagem (Brafman & Beckstrom, 2006).

No entanto importará salientar que nem por um lado os espanhóis deixaram de ter um exército forte e capaz, nem os Apache descobriram qualquer arma milagrosa que os Aztecas e os Incas, desconheciam. A grande diferença relativamente à forma como o conflito evoluiu deve-se ao modelo de organização da sociedade Apache, que era descentralizada e não possuía um líder no sentido

clássico do termo. Os Apache, contrariamente a outras tribos índias, como por exemplo os *Sioux*, eram liderados pelo exemplo, por uma figura designada *Nant'an*, que apenas detinha alguma forma de controlo espiritual e cultural sobre os restantes membros da tribo e não de poder formal ou hierárquico (Brafman & Beckstrom, 2006).

Ao sofrerem as investidas dos exércitos espanhóis, que se regiam pelo mote "ouro ou morte" procedendo à imediata execução dos *Nant'an* quando as suas exigências não eram satisfeitas, a sociedade Apache promovia de imediato a sua substituição. Quando os espanhóis queimavam as suas aldeias, os Apache retiravam e tornavam-se nómadas encetando uma guerra de atrito continuada.

Enquanto o exército espanhol, tal como grande parte das instituições e empresas funcionam como sistemas centralizados de comando e controlo, com regras estabelecidas, líderes reconhecidos e perfeitamente identificados, e os processos de decisão são executados nos locais próprios e pelos órgãos ou estruturas competentes, nos sistemas descentralizados, não existe um líder formal, nem uma sede, encontrando-se o poder distribuído ou partilhado num sistema de controlo interno em que as regras e normas são aplicadas e reforçadas por todos.

Quando Cortés proferia uma ordem de marcha ao seu exército, este obediamente marchava, mas quando Gerónimo⁴ decidiu pegar em armas contra os mexicanos e posteriormente o contra o exército americano, os restantes Apaches seguiram-no pelo exemplo, não tendo sido a isso coagidos ou por considerarem que era essa a sua obrigação. Gerónimo nunca possuiu qualquer exército e apenas o acompanharam os Apache que se identificaram com o seu

⁴ Da tribo *Chiricahua*, Gerónimo (1829-1909) é o mais conhecido dos *Nant'an* Apaches. A sua determinação e coragem ultrapassaram a sua geração e tornaram-se lendárias. Recordamos que a operação de captura e morte de Bin Laden possuía o nome de código de Gerónimo. Lutou durante muitos anos contra os mexicanos que lhe assassinaram a família no Arizona e posteriormente contra os americanos que tomaram este território, por via do Tratado de *Guadalupe Hidalgo*, em 1848. Rendeu-se ao general Nelson Miles, em *Skeleton Canyon*, no Arizona em 1886, depois de embaraçar por diversas vezes políticos e o exército Americano com as sucessivas fugas das reservas onde era colocado. A sua rendição significou a alteração da forma de vida Apache e encerra um capítulo das chamadas Guerras Índias na história do Oeste Americano. Apesar de ser uma celebridade, viveu em cativo até à sua morte, sendo esporadicamente autorizado a sair da reserva de *Fort Sill*, no Arizona, para participar em feiras e exposições.

exemplo. A língua Apache não contempla o conceito de *dever*, nem o de *coerção* (Brafman & Beckstrom, 2006).

Os EUA só conseguiram controlar os Apaches quando colocaram todas as suas tribos em reservas e passaram a atribuir aos *Nant'an*, a gestão das cabeças de gado. Estes líderes passaram a possuir e exercer um poder formal de atribuição material dos escassos recursos disponíveis sobre os restantes membros da tribo, distinto do poder cultural e espiritual que detinham até então (Brafman & Beckstrom, 2006).

Actores isolados: reflexão conceptual

Lisboa, 10 de Novembro de 2017

Rui Miguel Chagas Ismael Santos
Intendente